

MÚSICA

Ano 1 - Ed. 02

Revista Roland Brasil

www.musicaeimagem.com.br

& Imagem

IGGOR CAVALERA

O baterista fala sobre os novos rumos de sua carreira e conta por que adotou instrumentos eletrônicos em seu setup

- Os equipamentos que auxiliam a criatividade
- O projeto Mixhell
- O trabalho com o irmão Max no Cavalera Conspiracy

FERNANDINHO BEAT BOX
Loop Station a serviço do hip hop

CAKEWALK V-STUDIO 700
Solução completa para produção musical

LANÇAMENTOS WINTER NAMM 2009

BOSS ME-70
Multiefeito para guitarra

ROLAND V-PIANO
Piano digital com infinitas possibilidades

KIT V-DRUMS TD-4K
Modelo ideal para estudo e gravação

Realize-se! Tenha um ATELIER



AT-75

Sob medida para você

- 60 sons de órgão e orquestrais
- 40 ritmos com acompanhamento automático
- Dois teclados de quatro oitavas
- 30 W de potência estéreo
- Pedal de expressão com duplo comando
- Acompanha banqueta

Registros de barras harmônicas "drawbar"



Teclado inferior "waterfall"

Entrada USB para reprodução de áudio e armazenamento

Roland
www.roland.com.br

Roland BOSS EDIROL i255 RODGERS cakewalk

MÚSICA PARA UMA VIDA MELHOR

De um jeito ou de outro, a música faz parte de nossas vidas. A importância varia de pessoa para pessoa, mas não há dúvidas de que, a cada dia, um número crescente de indivíduos passa a ter acesso à arte dos sons.

Graças aos avanços da tecnologia – principalmente internet e recursos digitais como mp3 (os arquivos e os tocadores) – nossa capacidade de escolha aumentou de forma nunca antes experimentada. Por meio da rede mundial, podemos selecionar a música que mais nos agrada e montar nossa própria coleção. São milhares de arquivos à disposição para "baixar". Aqueles não tão aficionados pela internet podem, simplesmente, digitalizar suas faixas preferidas, carregar a discoteca no bolso e ouvir sua música predileta a qualquer hora ou lugar. Além disso, sites como YouTube e MySpace são, também, fontes inesgotáveis de música – seja para lazer, estudo ou trabalho. E com uma vantagem: vídeo.



Tudo isso nos faz pensar e afirmar: música é uma coisa boa! Melhor ainda, porém, é quando passamos da condição de passivos para ativos, ou seja, de *fazer* em vez de somente *ouvir*.

A experiência de tocar um instrumento é bem diferente da que se experimenta ao escutar. Somos movidos pela dinâmica de *esforço* e *recompensa*. A cada dia, aprendemos um pouco mais do instrumento e evoluímos. No começo, o esforço é maior do que a recompensa, mas isso, aos poucos, muda. É quando tomamos gosto pela coisa.

No início, a Roland produzia equipamentos mais voltados para o músico profissional e, nas mãos de artistas e produtores, a marca foi ganhando os palcos e os

estúdios. Atualmente, com mais de 300 produtos em linha, a Roland oferece uma ampla gama de modelos, atendendo os mais diferentes perfis de usuários. Além de palcos e estúdios, está presente em lares, igrejas, escolas, hotéis, restaurantes e em tantos outros lugares onde há música ao vivo.

O Brasil é um país particularmente musical e, graças à sua diversidade, há espaço para todos os gêneros e gostos. Principalmente nos dias de hoje, quando se fala tanto em crise, a música passa a ter uma função importante por sua propriedade de trazer alívio ao estresse. E, quanto menos estresse, melhor a qualidade de vida. Possibilitar que mais pessoas toquem um instrumento e tenham uma vida melhor é uma missão que requer o empenho de toda a sociedade – governo, empresas, associações e, obviamente, das pessoas que tocam e que podem incentivar e influenciar positivamente outras.

A música, com certeza, tem muito a contribuir para uma vida melhor, mais alegre e divertida.

J. Takao Shirahata – Presidente, CEO – Roland Brasil

EXPEDIENTE

MÚSICA
e Imagem

Revista Roland Brasil

PRESIDENTE

Takao Shirahata

GERENTE GERAL

Celso Bento

EDITOR

Nilton Corazza

CONSELHO EDITORIAL

Takao Shirahata, Celso Bento
e Samantha Albuquerque

REDAÇÃO

Rafael Furugen

COLUNISTAS

Maurício Domene e Turi Collura

COLABORADORES

Alex Lameira, Amador Rubio,
Gino Seriacopi, Pakito,
Sergio Motta, Sergio Terranova,
Leandro Justino, Maurício Martins,
Michel Brasil, Pedro Lobão,
Raphael Daloia Neto e Renan Dias

FOTOGRAFIA

Mário Moreno

CONTEÚDO ON-LINE

Mário Moreno e Fernanda Arrazi

ARTE/DIAGRAMAÇÃO

Detonart's Criações

IMPRESSÃO/ACABAMENTO

Oceano Indústria Gráfica e Editora

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Nilton Corazza (MTb 43.958)

MÚSICA & IMAGEM

Revista Roland Brasil na internet
www.musicaeimagem.com.br

FALE COM A REDAÇÃO

revista@roland.com.br

VISITE NOSSO SITE

www.roland.com.br

Os editores não se responsabilizam por opiniões emitidas por colaboradores em artigos assinados. Não é permitida a reprodução total ou parcial das matérias publicadas.

06

CARTAS

Espaço para opiniões e sugestões dos leitores

08

TURNÊ

Os eventos que contaram com a participação da Roland Brasil

11

MUNDO ROLAND

A presença da Roland Corporation na mídia

12

PERFIL

Fernandinho Beat Box e a parceria com o loop station BOSS RC-20xl

14

CLÁSSICOS

Roland D-50: o precursor de uma nova era dos instrumentos musicais

16

NOVOS PRODUTOS

Os lançamentos da Roland Corporation na Winter NAMM 2009

24

INTERAÇÃO

A praticidade e a simplicidade do Visual Sampler P-10

26

CAPA

Iggor Cavaleira e seu setup eletrônico



30

BOSS ME-70

O multiefeito topo de linha da marca

34

V-PIANO

Piano digital com alma de instrumento acústico

38

TD-4K

A expressividade aprimorada e os recursos inovadores do novo kit V-Drums

42

V-STUDIO

Solução integrada de hardware e software para produção musical

44

PERGUNTE AO ESPECIALISTA

As respostas para as dúvidas mais frequentes

48

CARREIRA

As opções profissionais para os músicos

49

EDUCAÇÃO

A necessidade de repensar o ensino musical a todo o momento

50

FRONTEIRAS

A influência da música e do piano na vida do executivo Norton Glabes Labes

DEALERS MEETING 2008

Caros amigos da Roland, escrevo para parabenizá-los pelo evento, quantidade de lojistas e, claro, pela revista *Música & Imagem*. Tenho certeza que dará um impulso na comunicação da empresa e explicações dos produtos para o setor. Parabéns novamente.

Daniel Neves
Editora Música & Mercado

MAIS DEALERS MEETING

Gostaria de parabenizá-los pelo projeto *Música & Imagem* e pelo belo evento da noite de lançamento. Caso desejem alguma matéria referente à área em que atuo (educação/administração educacional), coloco-me à disposição! Sucesso!

Valéria G. Forte
Editora Som

MÚSICA & IMAGEM

Gostei da iniciativa da Roland em criar uma revista para seus produtos com ótima apresentação e muito bem-cuidada editorialmente. Veio com a linha de equipamentos da empresa, porém mesclada com seções que motivam os músicos a seguirem suas carreiras. Ficou muito longe de ser simplesmente um catálogo. Parabéns!

Julio Masulino
Editora HMP

A Roland Brasil agradece a todos e reafirma seu compromisso de oferecer o maior número possível de informações aos usuários de seus produtos. Ao lado de empresas do mercado editorial e de revistas como *Música & Mercado*, *No Tom* e *Cover Guitarra*, para citar apenas algumas, nosso objetivo é contribuir para o desenvolvimento da música em nosso País e o bom uso de equipamentos das marcas comercializadas por nós. Temos a certeza de que, unindo forças, atingiremos nosso objetivo.

OBS.: As mensagens publicadas aqui tiveram os e-mails omitidos para privacidade de seus autores.

ENDORSEE

Caros senhores da Roland, meu nome é Mário Fierro e sou guitarrista da banda Couve Refogada, de forró core, que faz muito sucesso na região Nordeste e tem vários shows agendados. Gostaria de saber como faço para ser endorser da BOSS e poder usar os equipamentos dessa marca nas apresentações.

Mário Fierro
(por e-mail para a Roland Brasil)
A Roland Brasil não possui programa de endorsement. Esta é uma política internacional da Roland Corporation adotada por todas as joint ventures. A companhia promove seus produtos por meio de seus websites oficiais, além de eventos e workshops. Eventualmente, a empresa pode firmar parcerias específicas com artistas que possuam comprometimento ao longo dos anos com equipamentos Roland, BOSS, RSS, Rodgers, Cakewalk e Edirol. Esses acordos não envolvem doações de produtos em troca da simples utilização dos mesmos. Nossa política de relacionamento é uma relação de admiração e respeito mútuos. Caso você queira ser parceiro da Roland Brasil, por favor, envie material contendo CDs ou DVDs com performances atuais, foto recente (de preferência atuando como músico), biografia (de, no máximo, uma página), currículo com informações sobre cursos e trabalhos relevantes, carta de intenções e lista de produtos Roland, BOSS, Edirol, RSS, Cakewalk ou Rodgers que possua atualmente. O endereço é:
Depto de Marketing - Divisão Musical Roland Brasil
Rua Teodoro Sampaio, 727 - Pinheiros, São Paulo - SP
CEP: 05405-050
Mais informações podem ser conseguidas no site www.roland.com.br

CATÁLOGOS E BRINDES

Olá, tudo bem? Gostaria de saber como faço para ganhar um catálogo da Roland e, se possível, um brinde. Obrigado.

Deborah Silveira e vários outros
(por e-mail para a Roland Brasil)
Prezada Deborah, basta informar seu endereço completo e a área pela qual tem interesse para receber nossos catálogos. Envie esses dados para sac@roland.com.br. Além disso, acreditamos que a revista *Música & Imagem* seja uma importante fonte de informação e pode ser usada como referência para o conhecimento dos detalhes de nossos produtos e da utilização dos mesmos.

ONDE COMPRAR

Adquiri a revista *Música & Imagem* (ano1 - ed.01) e achei ótima. Como posso obter as seguintes? Elas estão nas bancas?

Valdemir Henrique Barbosa
(por e-mail)

Caro Valdemir, agradecemos os elogios. A revista *Música & Imagem* é uma publicação semestral da Roland Brasil distribuída gratuitamente por seus dealers, além de escolas de música e estúdios. O modo mais fácil de ter acesso a ela é procurar um revendedor Roland ou visitar o site www.musicaeimagem.com.br.

REVISTA

Ouvi dizer que a Roland está fazendo uma revista. Como apaixonado pela marca, adoraria ter mais informações sobre teclados e equipamentos. É difícil, por exemplo, saber os recursos de um modelo antigo para comparar e ver se vale a pena comprá-lo. Vocês podem me dizer alguns sites em que eu encontre esse tipo de assunto?

Leandro Pereira
(por e-mail para a Roland Brasil)
Por se tratar de uma empresa pioneira no desenvolvimento de tecnologia e de instrumentos musicais eletrônicos, muitos dos produtos lançados pela Roland transformaram-se em marcos na indústria. Por conta disso, vários são os sites que trazem informações sobre teclados e produtos Roland, afora publicações, vídeoaulas e toda sorte de materiais. Nossa revista, por sua vez, tem como meta instruir o leitor sobre todos os recursos e possibilidades dos equipamentos, sejam novos ou antigos. Pensando nisso, indicamos fontes de consulta na seção Mundo Roland (pág. 11). Mas você pode nos ajudar: basta enviar suas sugestões ou dúvidas para a redação. Abraços.

1 milhão de guitarristas. Vários estilos. Uma só marca!



Roland
www.roland.com.br

ESTE ESPAÇO É SEU!
ENVIE SUGESTÕES, CRÍTICAS
E ELOGIOS EM RELAÇÃO À
MÚSICA & IMAGEM -
REVISTA ROLAND BRASIL.

POR CARTA: MÚSICA & IMAGEM - REVISTA ROLAND BRASIL
RUA TEODORO SAMPAIO, 727 - PINHEIROS, SÃO PAULO - SP
CEP: 05405-050

POR E-MAIL: REVISTA@ROLAND.COM.BR

INTERCÂMBIO CULTURAL

No dia 19 de novembro de 2008, o público paulista teve a oportunidade de assistir a performance de uma das mais talentosas organistas do mundo: a japonesa **Yuri Tachibana**. O evento, organizado pela Roland Brasil, fez parte das comemorações do centenário da imigração japonesa, proporcionando um intercâmbio cultural entre as duas nações, além de promover um maior conhecimento em relação ao instrumento.

Yuri iniciou a carreira musical ainda muito cedo. Com apenas três anos, começou a estudar piano. A troca de instrumento, porém, aconteceu de maneira inesperada. “Decidi mudar após ganhar um órgão em uma competição no colégio”, explica. A organista aprimorou-se e, atualmente, conta com quatro discos lançados – dois pela Columbia Records e outros pela King Records Japan.

O primeiro contato de Yuri com o público brasileiro ocorreu durante a realização do *Atelier Organ Concert*. Em apresentação realizada no Teatro Copa Airlines, a artista demonstrou

toda sua capacidade interpretativa e técnica aliada aos recursos de alta tecnologia existente no modelo AT-900C da linha Atelier. A organista executou tanto temas consagrados da música internacional – “Mr. Lucky”, “Granada”, “Take Five” e “The Windmills of Your Mind”, entre outras – quanto canções de seu país de origem – “Sakura, Sakura”, “Shima Uta”, “Furusato”, “Ringo Oiwake” e “Yosaku”.

No dia seguinte, em workshop realizado no Roland Media Center com a presença de aproximadamente 20 convidados, Yuri falou sobre alguns recursos do equipamento, o desenvolvimento de arranjos e a educação musical no Japão e no Brasil. Na oportunidade, o intercâmbio intensificou-se e todos puderam conversar com a artista.

Como ocorreu a transição do piano para o órgão?

Na verdade, nunca parei de tocar piano. Apenas estudava os dois instrumentos ao mesmo tempo. No entanto, profissionalmente, costumo fazer apresentações como organista.

Quais são suas principais influências?

São muitas. No piano, com certeza, é Chopin. Para o órgão, como é um instrumento mais utilizado por orquestras, não gostaria de citar um nome especificamente. Digo apenas que apresento a música como se fosse o maestro.

Como você avalia os recursos dos órgãos Atelier em relação às outras marcas do mercado?

Conheço órgãos de todas as partes do mundo e posso garantir que nenhum apresenta uma sonoridade tão boa quanto os modelos Roland. Por isso, costumo deixar bem claro que utilizo os instrumentos Atelier com muito orgulho.

Qual a recomendação para o aprimoramento dos organistas estudantes e profissionais?

Minhas principais recomendações são: ampliem seus conhecimentos, aprendam música de todas as partes do mundo e assimilem o máximo que puderem de outras culturas. Seguindo esses passos, será bem mais fácil se tornar um organista.



RODGERS EM BRASÍLIA

Desde dezembro de 2008, a **Igreja Memorial Batista de Brasília** conta com um órgão Rodgers Trillium Masterpiece 908. O instrumento – composto por três manuais, pedaleira com 32 notas e módulo que agrega mais de 1.200 sons e timbres – foi instalado por profissionais do Centro Técnico Roland.

Em sua estreia, o modelo foi utilizado durante o culto de dedicação e o con-

certo do organista Handel Cecílio, de Belo Horizonte, que executou peças de autores consagrados, como Henry Purcell, Léon Boëllmann, Johann Sebastian Bach, Amaral Vieira e Georg Philipp Telemann. O ministro de música e adoração da IMB, Anderson Silveira Motta, acredita que o novo instrumento conta com envolvente sonoridade e está perfeitamente adequado ao estilo



musical litúrgico. “Tem sido estimulante entoar hinos de louvor a Deus com o apoio dele”, conta.

MÚSICA E EDUCAÇÃO

Criada em 1996 pelo baterista Flávio Pimenta, a **Associação Meninos do Morumbi** utiliza a prática musical como forma de afastar crianças e adolescentes das drogas e da delinquência juvenil. O projeto, que atende mais de quatro mil pessoas nas cidades de São Paulo, Taboão da Serra e Embu, faz apresentações e costuma impressionar o público tocando, dançando e cantando mais de vinte estilos diferentes como jongo, maracatu, funk, samba, maxixe e aguerê. Desde 2001, a Roland Brasil é parceira da instituição. Por conta disso, crianças e adolescentes que frequentam as dependências da entidade encontram equipamentos de qualidade como o módulo de percussão TD-8, o conversor MIDI TMC-6, os triggers RT-Series, o pad de percussão eletrônica HPD-15, o amplificador da linha V-Drums TDA-700, as caixas amplificadas KC-350 e KC-550, o sistema de alto-falantes para P.A. SST-251, o subwoofer SST-351 e o mixer VM-7100, além de diversos pads.



NOVOS PARCEIROS

No fim de 2008, a BOSS firmou parcerias com mais três artistas nacionais: os guitarristas **Sérgio Rocha e Fernando Miyata**; e o baixista **Dunga**. Juntamente com outros 16 instrumentistas, como Felipe Andreoli, Itamar Collaço e Rafael Bittencourt, eles passam a utilizar produtos da marca tanto em apresentações quanto em gravações.



Sérgio Rocha

Integrante da banda da cantora Cláudia Leitte, Sérgio Rocha está usando a pedaleria GT-10. “Ela reúne e disponibiliza todos os recursos de que eu preciso de forma fácil e rápida”, conta. Professor de guitarra e autor de um dos vídeos musicais mais assistidos no YouTube, Fernando Miyata conta com dezenas de produtos BOSS. “Gosto de explorar os timbres e, no caso de efeitos, acho essencial fazer isso para extrair 100% do equipamento”, afirma.

Dunga, baixista da banda que acompanha o cantor e guitarrista Lulu Santos, começou a usar a pedaleira GT-10B. “Além da sonoridade, o que me impressionou nesse equipamento foram as inúmeras possibilidades de combinações”, explica.



Dunga



Fernando Miyata



EDIROL E RSS NO IAV

Considerada uma das melhores escolas especializadas em áudio do Brasil, o **IAV – Instituto de Áudio e Vídeo** –, localizado na capital paulista, adquiriu no começo de 2009 vários equipamentos Edirol como interfaces de áudio FA-101 e teclados controladores MIDI PCR-300 e PCR-M1. A escolha dos produtos, que estão dispostos no laboratório da instituição para serem utilizados pelos alunos durante o aprendizado, ocorreu por causa da alta qualidade e resistência dos equipamentos aliadas à compatibilidade com o sistema Mac OS X. A parceria entre Roland Brasil e IAV, que começou em 2007, também rendeu frutos quando a empresa disponibilizou alguns equipamentos RSS para modernizar o auditório da escola, como a console de mixagem V-Mixer M-400, além do sistema Digital Snake S-4000S e das versões compactas S-1608/S-0816.

OSESP PARA A EUROPA

Em dezembro de 2008, a Roland participou do tradicional concerto de réveillon da emissora de televisão franco-alemã ARTE, que exibiu ao vivo o concerto da **Osesp** (Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo) para 14 países europeus – França, Alemanha, Bélgica, Suíça, Espanha, Áustria, Polônia, Finlândia, Portugal, Dinamarca, Hungria, Suécia, Itália e Holanda – e para o Brasil, por meio da TV Cultura. O sinal de vídeo de alta definição (HD - High Definition) foi gerado pela emissora paulista, que utilizou o modelo Edirol VC-300HD para conversão em tempo real para Standard Definition (de 1080i para 480i NTSC).

A apresentação, que durou aproximadamente duas horas, contou com a participação da Banda Mantiqueira e da cantora Mônica Salmaso. O repertório foi quase integralmente dedicado à música brasileira, erudita e popular, além de peças dos argentinos Astor Piazzola e Alberto Ginastera. Entre as composições de cunho nacional, foram executados o *Choros nº10*, de Heitor Villa-Lobos, trechos de *Maracatu do Chico Rei*, de Francisco Mignone, e “Batuque”, da suíte *Reisado do Pastoreio*, de Lorenzo Fernandez.



ACORDEON REVITALIZADO

Jackson Jofre Rodrigues, natural de Gravataí, no Rio Grande do Sul, foi um dos destaques do 2º *Festival Internacional Roland de Acordeon*. Após vencer a etapa brasileira da competição, o gaúcho chamou a atenção dos jurados e do público presente durante a final realizada em Roma, na Itália, graças à performance arrebatada, carregada de elementos rock-n'-roll. A presença no palco e a musicalidade demonstrada durante os dois dias de julgamento foram decisivas para que Rodrigues ganhasse evidência no site oficial do



evento e fosse convidado a apresentar-se na Europa. Apesar de não ter angariado um dos três primeiros lugares do pódio, o brasileiro – que concorreu com 16 músicos de vários países a um prêmio de 5 mil euros – surpreendeu até mesmo a organização do festival ao utilizar elementos modernos em um instrumento até há pouco tempo considerado ultrapassado. Com isso, além de saber explorar as inúmeras possibilidades do modelo Roland, Rodrigues comprovou que qualquer estilo pode ser executado com o V-Accordion.

BOSS É TOP OF MIND

A revista *Música & Mercado*, com patrocínio da Musikmesse, premiou as melhores companhias do ramo de áudio e instrumentos do ano de 2008. A BOSS recebeu o troféu **Top Of Mind AI&M Brasil** como a primeira marca lembrada espontaneamente entre as lojas High na categoria *Efeitos*, reafirmando a qualidade dos produtos e a grande popularidade que desfrutam entre os mais importantes lojistas e músicos. Organizado pela editora Música & Mercado, o Prêmio AI&M Brasil 2008 fez parte dos resultados divulgados pelo instituto Synovate Research, terceira maior empresa de pesquisas do Brasil e a sexta do mundo.



DESTAQUE NO MERCADO

A Roland Corporation foi destaque na edição 39 de *Música & Mercado*. A publicação – com conteúdo segmentado para lojistas, distribuidores, revendedores e importadores de instrumentos musicais, acessórios e equipamentos de áudio

– dedicou sua matéria de capa à empresa, enfatizando a equipe da Roland Brasil e seu CEO, Takao Shirahata. O artigo foi fruto da viagem de Daniel Neves, publisher da revista, ao Japão, onde entrevistou o presidente da Roland Corporation, Kaz Tanaka, e o fundador, Ikutaro Kakehashi.



RSG NA REDE

Os internautas que desejam saber mais detalhes sobre as últimas novidades da RSS e da Edirol – marcas que compõem a **Roland Systems Group** – devem acessar o endereço www.rolandsg.com.br. Além de notícias, próximos eventos e lançamentos, os interessados podem conhecer as especificações dos equipamentos e detalhes dos artistas que os utilizam, além de informações sobre os revendedores. O site também conta com uma seção dedicada exclusivamente a downloads de arquivos que aprimoram o desempenho dos produtos.



DEPOIS DA GUERRA

O **Oficina G3** – um dos principais grupos de rock gospel do País – lançou no fim de 2008 mais um trabalho. Intitulado *Depois da Guerra*, o disco apresenta 14 músicas, além da introdução. Para a concepção desse projeto, Juninho Afram, guitarrista e vocalista da banda, contou com o auxílio do estúdio portátil digital BOSS MICRO BR. “Utilizei para gravar algumas ideias que depois entraram no álbum”, conta. Juninho, que é parceiro BOSS desde o ano passado, utiliza outros produtos da marca, como os pedais PS-5 Super Shifter e FBM-1 Fender ‘59 Bassman, o afinador TU-12 Chromatic Tuner e o sintetizador de guitarra GR-20. De acordo com o músico, o Oficina G3 fará shows de divulgação do novo disco, mas também estuda outros trabalhos. “Gravaremos um DVD em 2009. Apesar de não termos a data definida, o projeto já está em andamento”.



Hip hop turbinado

Ex-morador de rua, Fernandinho Beat Box tornou-se um dos mais respeitados artistas do cenário nacional

Fruto dos conflitos sociais e forma de reação à violência sofrida pelas classes menos favorecidas da população, o hip hop nasceu nos Estados Unidos durante a década de 1960. Sua manifestação mais comum é a música, marcada por letras agressivas, confessionais e acusatórias, calcadas no cotidiano das ruas. O movimento cresce principalmente nas grandes capitais brasileiras, como grito de protesto contra o preconceito racial e a exclusão social. Em tempos mais recentes, tem servido como ferramenta de integração, graças ao

apelo de contestação que carrega aliado à fácil aceitação pelos jovens das periferias.

Ao lado da atuação dos MCs (mestres de cerimônias), dos grafites espalhados pelos muros das cidades, da dança break e da performance dos DJs, uma das atividades mais atrativas do movimento é o beat box, em que sons de bateria, instrumentos musicais, grooves de gravações, scratches e outros efeitos de DJs são simulados por voz, boca e cavidade nasal, sem o auxílio de outros equipamentos afora microfone e amplificador.

Um dos mais reconhecidos e consagrados artistas dessa especialidade é Fernando da Silva Pereira, o Fernandinho Beat Box. Além de ter se destacado de maneira ímpar nessa arte, o paulistano do bairro do Campo Limpo incorporou à técnica elementos de ritmos populares brasileiros, como o samba e o baião. O reconhecimento veio já no primeiro grupo de que fez parte, o Z'África Brasil. Esse trabalho serviu de vitrine para que vários artistas e produtores o convidassem a participar de projetos culturais.

Ex-morador de rua, frequentemente participa de eventos institucionais. Ultrapassando as barreiras comerciais do rap, gravou e se apresentou com músicos e cantores de vários gêneros, de Marisa Monte a Ivete Sangalo, passando por Lenine, Marcelo D2 e Gabriel o Pensador. No momento, prepara seu primeiro disco-solo e tem usado o loop station BOSS RC-20xl em shows e produções.

Como teve a ideia de usar outro equipamento em seu setup além de microfone?

Duas coisas aconteceram. Em uma das oficinas de hip hop que promovi, surgiu um francês reproduzindo sons tipo beat box e tocando um instrumento africano com a boca. Ele fazia loops disso. Achei muito interessante e tentei falar com ele para pegar informações, mas não consegui. E um grande amigo e aluno me falou que viu um equipamento que fazia isso de modo muito fácil. Pedi a ele para me colocar em contato com o pessoal. Foi aí que conheci a BOSS e encontrei Sergio Motta (*gerente de produtos da marca*), o cara que me mostrou o caminho.

Como você usa o BOSS RC-20xl?

Minha ideia é mostrar peça por peça: bumbo, caixa, chimbal. monto o ritmo no RC-20xl e, depois de construir os loops, faço um rap em cima daquilo. Posso até estabelecer uma base qualquer, como um raggamuffin ou um techno, e vir com um scratch. Ou reproduzir uma banda mesmo. Gravo as bases e improviso sobre elas.

Há alguma levada ou groove que seria impossível fazer sem o RC-20xl?

Muita gente gosta de samba. E uma das coisas que todos rapidamente identificam e apreciam é a cuíca. Então, início montando o surdo e, depois, vou colocando as outras peças. No fim, após construir tudo, quando o pessoal está dançando, curtindo, faço a cuíca para surpreender ainda mais. O povo vai ao delírio. No techno, começo com uma linha de bumbo e, daí a pouco, vem o baixo. Gravo no pedal também. Vou introduzir isso no show do Marcelo D2. É bem interessante, por que quem não conhece o loop station acaba vendo as possibilidades dele. E o público gosta: “Essa ideia que você teve é muito bacana”, dizem.

Além de permitir que você faça algumas coisas mais complexas, o RC-20xl auxilia sua criatividade?

Sim, muito. Às vezes as pessoas contratam o Fernandinho Beat Box e querem um show de uma hora. Não há como fazer isso. Vou a festivais, por exemplo, e fico apresentando meu trabalho por trinta minutos sem parar. Mas, mesmo sendo uma coisa que cause impacto, o beat box é bem direto. Por mais que o artista tenha cartas na manga para uma performance, ele pode ficar cansativo. Com o loop station, não. Ele vai ser o meu parceiro, vai ficar ao meu lado e me ajudar a criar, além de me apresentar.

Os amantes do hip hop tem algo contra?

Não. O pessoal curte. Eu vi um cara no exterior distorcendo a voz com pedal de guitarra. Mas aqui no Brasil, acredito que sou o primeiro a usar.

Além do loop station, há outros equipamentos que você gostaria de colocar em seu setup?

Comecei a me interessar por isso há pouco tempo. Acreditava que o aparelho que o francês tinha era muito difícil de encontrar. Mas agora estou usando o loop station e tendo informações de outros. Por isso quero, cada vez mais, agregar esses equipamentos em meus shows.

Como é o disco-solo?

Ele vai pegar muita gente de surpresa, porque quando se fala Fernandinho Beat Box o pessoal pensa que é só beat box. Mas vai ter muito rap, com letras minhas.

Por que poucos fazem um som tão convincente quanto o seu?

É que sou muito técnico, procuro aperfeiçoar a batida. Às vezes, está rolando uma base com delay. E fico muito antenado nesse tipo de coisa. Quem faz beat box, geralmente, só está preocupado no bumbo e na caixa, aquela coisa reta. Quero aperfeiçoar isso. Mas hoje tem uma molecada que vou te falar... Eu que me cuide, senão logo vou perder meu posto. *(risos)* **(Nilton Corazza)**

Fernandinho Beat Box durante apresentação na Expomusic 2008



LOOP STATION RC-20XL

O BOSS RC-20xl grava, sobrepõe e toca loops, comandado apenas pelos pés. O tempo de gravação total é de até 16 minutos e 11 memórias internas estão disponíveis para salvar o material registrado. Para facilitar o trabalho do músico e permitir mais flexibilidade, o equipamento oferece recursos de ajuste de tempo sem alterar a afinação do material gravado, funções *Undo*, *Auto Quantize* e *Reverse*, além de três tipos de finalização: “Imediata” (assim que o pedal STOP é acionado), “Loop Inteiro” (que toca todo o loop antes de parar) ou ainda, em “Fade Out” (o volume baixa gradativamente até sumir por completo). Saiba mais sobre o RC-20xl acessando o site www.bossbrasil.com.br.

Roland D-50



O primeiro equipamento a combinar sample playback e síntese digital inaugurou uma nova era em instrumentos musicais

Em meados da década de 1980, a síntese digital parecia ter atingido seu ápice. Os timbres produzidos pela técnica de modulação de frequência dominavam a produção musical. No entanto, o uso desmedido desses sons e a dificuldade em programar novas texturas fizeram com que alternativas surgissem para expandir o arsenal à disposição de tecladistas. O pioneiro nessa empreitada foi o sintetizador linear Roland D-50.

LINEAR ARITHMETIC SYNTHESIS

Produzido a partir de 1987, o Roland D-50 logo se tornou um dos equipamentos preferidos dos músicos por conta da qualidade e do frescor dos timbres oferecidos, aliados à facilidade de programação. O diferencial do modelo era a geração sonora denominada aritmética linear (Linear Arithmetic Synthesis - LA). A técnica consistia em reunir amostras digitais de transientes de ataque, em PCM, com síntese subtrativa e filtros ressonantes passa-baixa. Embora o método de sampleamento esti-

vesse desenvolvido, esse sistema híbrido era necessário, pois o acréscimo de muita quantidade de memória RAM, indispensável para lançar mão de amostras completas de uma sonoridade, encareceria demais o produto.

Reconhecendo que o componente sonoro de um instrumento real mais difícil de ser simulado é o ataque, a Roland incluiu samples desses transientes no modelo, com takes curtos de trompete, violão, golpes de arco, ruídos de lábios e outros, alguns em loop. O equipamento, então, reproduzia um desses componentes e, em seguida, utilizava o sintetizador para criar a sustentação do som.

Além disso, a empresa incorporou uma série de texturas que podiam ser mixadas às partes de sustain de um timbre. Por esse motivo, vários patches do D-50 apresentavam, como qualidade característica, a presença de "ar", fator particularmente interessante para sons de corais, sopros e cordas. Embora as amostras, ouvidas isoladamente, não impressionassem os tecladistas, esses componen-

tes faziam toda a diferença junto aos pads e à seção de síntese, imprimindo uma marca definitiva aos sons do modelo, facilmente identificável até os dias atuais.

Em vez de osciladores, a arquitetura do D-50 foi elaborada com elementos chamados Partials. Cada um deles era constituído, de fato, por uma forma de onda (PCM ou sintética), um filtro e um gerador de envelope de amplitude. Duas parciais eram combinadas em um Tone, em que uma delas era configurada para soar simultaneamente à outra ou modulá-la. Para criar um Voice, dois Tones podiam ser agrupados. Os sons mais complexos permitiam a polifonia máxima de oito notas. Assim como todos os outros sintetizadores comercialmente viáveis da década de 1980, o D-50 era monotimbral, ou seja, podia reproduzir apenas um timbre por vez. No entanto, inaugurando um novo conceito que perdura até os dias atuais, o teclado contava com efeitos de reverb e chorus incorporados, além de equalizador de duas bandas e um inovador joystick para manipulação de dados.

Especificações	
Síntese	Linear Arithmetic Synthesis (LA)
Patch	formado por dois Tones (layer/split)
Tone	sete estruturas combinando duas parciais, pitch envelope, três LFOs, ring modulator e EQ
Partial	wave generator, TVF com envelope (cinco estágios), TVA com envelope (cinco estágios)
Wave generator (WG)	PCM (cem formas de onda em ROM), sintetizador (ondas senóide e quadrada com PWM), filtro passa-baixas ressonante digital, LFO (triangle, sine, square, sample and hold)
Patches	64 internos, 64 em card
Efeitos	equalizador de duas bandas e chorus (oito tipos) por tone, reverb global (32 tipos)
Teclado	61 teclas com sensibilidade à velocidade e after touch
Controles	pitch bender / modulation lever, joystick
Conexões	Line, headphone, MIDI In/Out/Thru

USO

Logo após seu lançamento, o uso do Roland D-50 tornou-se padrão no mercado fonográfico. Alguns timbres, como "Star Voice Choir", "Sakuhachi", "Fantasia", "Living Calliope", "Intruder FX" e "Digital Native Dance", foram tão explorados que passaram a ser evitados quando se pretendia criar algo diferenciado. Exemplos disso também são os patches "Soundtrack" e "Atmosphere", utilizados como modelos para o padrão General MIDI.

Um dos programadores dos sons preset do D-50 foi Eric Persing, que mais tarde se tornou tecladista e programador de Michael Jackson (atualmente, Persing é dono da Spectrasonics, famosa empresa que desenvolve amostragens de samplers e conteúdo digital). Não por acaso, alguns exemplos de utilização ostensiva do equipamento são linhas do álbum *Bad*, além do pizzicato marcante da música "Orinoco Flow", de Enya. Talvez o mais significativo emprego do Roland D-50, no entanto, tenha sido no álbum *Revolutions*, de Jean-Michel Jarre - quase todo gravado tendo esse modelo como base, inclusive utilizando os timbres originais de fábrica. Rick Wakeman, Kitaro, Vangelis, Nick Rhodes (Duran Duran), Gary Numan, Eric Clapton, 808 State, Vince Clarke, Information Society e Rush são alguns dos muitos instrumentistas e grupos que lançaram mão das sonoridades impressionantes do D-50 em suas produções.

(Nilton Corazza)

O D-50 voltou ao mercado em 2004, no formato de uma placa de expansão chamada Roland VC-1, para os modelos V-Synth e VariOS, com 28 formas de onda adicionais.

PG-1000 e D-550

A Roland lançou, à mesma época do D-50, o D-550, uma versão em rack do modelo com todos os recursos do original. Para facilitar a edição de timbres, foi desenvolvido o programador externo PG-1000, que disponibilizava o controle dos parâmetros ajustáveis do sintetizador por meio de uma série de faders.



ARX-03

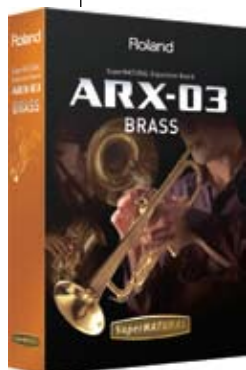
Roland

Terceira placa de expansão com a aclamada tecnologia Roland SuperNATURAL, a ARX-03 permite reproduzir timbres de metais - como trompetes, flugelhorns, trombones e saxofones - em solo ou seções de até seis deles. Além disso, oferece a opção de customizar

individualmente os sons e as nuances de uma performance com as facilidades de uma interface gráfica de edição e do processador dedicado. É possível, por exemplo, controlar individualmente cada um dos instrumentos de um naipe, o que torna a sonoridade extremamente realística.

Instalada em uma workstation Fantom-G, a ARX-03 permite executar

impressionantes sons de metais, com todas as características que os tornam tão peculiares como a presença de ruídos de sopro. A placa possui uma CPU inteligente que, em tempo real, reproduz os instrumentos com a correta tessitura: individualmente, podem soar como uníssonos; em acordes (blocos), os instrumentos serão ouvidos em suas tessituras reais. Afora isso, o produto conta com sistemas de equalização independentes para cada componente de uma seção, oito tipos de reverb e 15 tipos de multiefeito MFX, incluindo auto wah, compressor, limiter, tape echo, stereo delay e hexachorus. A memória interna possui capacidade de armazenamento de 50 patches e oferece ao músico a opção de salvar suas configurações.



AX-SYNTH

Roland

Os controladores de palco da linha AX marcaram época na história da música, principalmente quando se fala de bandas de rock progressivo e jazz fusion. Graças a esses equipamentos, os tecladistas podiam conquistar a frente do palco para demonstrarem toda a sua técnica em solos frenéticos, com a possibilidade de se movimentarem como os guitarristas, os baixistas e os vocalistas. O AX-Synth representa a nova geração dessa série, com o diferencial de que, pela primeira vez, o produto carrega um gerador sonoro em seu interior. Por conta disso, o instrumentista se libertou de toda e qualquer amarra que o prendia a um espaço limitado no palco ou a fios e cabos.

A geração sonora do modelo tem como principal objetivo oferecer timbres para solos. Equipado com

sons derivados de uma seleção criteriosa dos melhores existentes

nos mais avançados sintetizadores da Roland, o AX-Synth promete tornar-se um sucesso entre os aficionados por esse tipo de instrumento. Com polifonia de 128 vozes, são 256 tones, além dos chamados Special Tones com a tecnologia SuperNATURAL, que podem ser manipulados em tempo real por meio da ampla variedade de controles, como Ribbon Touch, D-Beam, Modulation Bar e botões, situados no braço do equipamento. Além disso, ele funciona muito bem como controlador, oferecendo completa implementação MIDI, 49 teclas com sensibilidade ao toque, conexão USB MIDI,

e compatibilidade com V-Link, o que permite ao músico comandar simultaneamente áudio e vídeo. Um software editor para PC faz do design sonoro e de efeitos algo mais simples e amigável. O pouco peso – apenas 3,7 quilos – o torna extremamente confortável para uso tanto em palco quanto em estúdios, e o longo tempo de duração das baterias recarregáveis – aproximadamente 6 horas – o faz perfeito para shows e sessões de gravação. Entrada para pedal, saídas estéreo e para fones de ouvido complementam o equipamento que estará disponível no Brasil a partir de agosto de 2009.



AT-75

Roland

A linha Music Atelier de órgãos eletrônicos Roland ganha um novo representante: o AT-75. O instrumento passa a ser o modelo de entrada da série e conta com as recentes inovações implementadas nos mais avançados.

O sistema de barras harmônicas, por exemplo, oferece a possibilidade de construção de timbres por meio da adição de harmônicos, como nos órgãos eletromecânicos originais do início do século 20. O resultado é um som rico e cheio, ideal tanto para jazz e blues quanto para uso em igrejas e residências. Além desse recurso, o AT-75 conta com manual inferior do tipo Waterfall que acentua a experiência de tocar em um instrumento autêntico e facilita a execução de passagens pianísticas.

Outra ferramenta muito útil é a porta USB que permite ao músico conectar pen drives e outros periféricos ao equipamento para armazenar e transportar configurações e gravações ou para reproduzir arquivos do tipo SMF ou mp3.

Entre as melhorias colocadas à disposição do instrumentista ainda estão vozes orquestrais aperfeiçoadas, novo sistema de ritmos, mais simplificado e fácil de usar, e compatibilidade com os outros modelos da série. O órgão oferece 49 teclas em cada manual, 13 notas na pedaleira, 60 vozes, 40 ritmos, memórias de gravação e potência de 30 watts.



CUBE-80X

Roland

A Roland apresentou durante a *Winter NAMM 2009* o mais novo integrante da série de cubos para guitarra. O CUBE-80X é o descendente direto do CUBE-60, sucesso de vendas e um dos mais utilizados amplificadores do mercado.

O lançamento oferece 80 watts de potência por meio de um alto-falante de 12 polegadas. É mais que suficiente para as aplicações em que esse tipo de equipamento é utilizado.

Isso se traduz em um som robusto - mesmo quando em baixos volumes - que atinge toda sua plenitude quando o máximo de potência é alcançado.

Assim como seu antecessor, o CUBE-80X

oferece dois canais: Clean e Lead. Além disso, 10 modelos COSM (Composite Object Sound Modeling) de simulação de amplificadores estão disponíveis, incluindo o novo DLX Combo. Essa tecnologia faz que o novo cubo Roland reproduza o timbre dos equipamentos mais utilizados pelos guitarristas, incluindo o Jazz Chorus.

Entre outros recursos disponíveis, está o looper, que viabiliza a gravação e a reprodução de trechos de áudio. A função SOLO, por sua vez, permite chamar timbres pré-configurados dos amplificadores emulados e pode ser utilizada como um terceiro canal.

Na seção de efeitos, o cubo oferece reverb e delay simultâneos com tap tempo e um novo modelador Spring Reverb para timbres vintage. O CUBE-80X também traz um conveniente afinador cromático e diversas conexões, incluindo entrada para fontes sonoras externas como mp3 players.





TU-1000

O TU-1000 é o afinador ideal para uso em palco. O topo de linha da série TU da BOSS foi desenvolvido e construído especialmente para essa finalidade. Graças ao amplo display em LEDs, o equipamento possibilita visualização perfeita em ambientes escuros ou externos, ao passo em que a ação precisa e ultrassuave do medidor permite uma afinação rápida, simples e exata.

O modelo conta com dois modos de exibição. No *Cent*, o medidor é apresentado como uma agulha. No *Stream*, o movimento dos LEDs indica se a afinação da corda deve subir ou descer. O recurso Accu-Pitch, por sua vez, mostra quando a afinação está completa. Ao ser ligado, o TU-1000 automaticamente corta a saída do sinal, possibilitando ao músico afinar seu instrumento em silêncio. O equipamento produz tom de referência A4 com valores de 436 a 445 Hz, em passos de 1 Hz, e tem capacidade de extensão de C0 (16,35Hz) a C8 (4.186Hz), além de permitir sistemas alternativos como DADGAD, aberto e outros, assim como afinações até seis semitons abaixo do padrão. O aparelho tem como fonte de energia um adaptador AC Roland PSB-1U e pode alimentar outros equipamentos (pedais compactos, por exemplo). Como opcional, aceita um footswitch FS-5U da mesma marca para ligar ou desligar a unidade a distância.

FR-1

Roland

O acordeon digital FR-1 é o mais novo integrante da linha V-Accordion, a primeira a disponibilizar a poderosa tecnologia de modelagem digital em instrumentos desse tipo. O caçula da família destaca-se por ser extremamente leve – pesa apenas 5,5 quilos – e possui design compacto, ideal tanto para jovens estudantes quanto para performances em palco. Entre as características marcantes do modelo estão simulações digitais de sete tipos distintos de acordeons e quatro diferentes timbres de órgão com efeito de alto-falante rotativo. Além disso, oferece a possibilidade de adicionar sons de bateria aos botões de baixo e de acordes, proporcionando ao músico a oportunidade de tocar com acompanhamento.

O FR-1 conta com saídas de áudio para conexão com qualquer tipo de equipamento, desde amplificadores, como o Roland Mobile Cube, até gravadores, como o Edirol R-09HR. Graças aos fones de ouvido inclusos no pacote, os músicos podem praticar em qualquer lugar. Para isso também colaboram a autonomia estimada de cinco horas de duração das baterias e o metrônomo incorporado.

O grande diferencial dos modelos V-Accordion Roland é a detecção da pressão do ar produzida pelo fole, elemento fundamental para a simulação do instrumento original, realizada por meio de sensores de alta resolução, o que dá ao artista total controle da dinâmica. Além disso, não há necessidade de afinação e a resistência do fole pode ser regulada para se adaptar à forma de tocar do músico.

A aparência do FR-1 pode ser customizada com a troca da ilustração do painel. Além de seis diferentes lâminas de decoração que acompanham o produto, qualquer outra imagem pode ser adicionada ali, bastando um computador e uma impressora.



DT-HD1

Roland

Um professor particular de bateria: isso é o que o Drum Tutor DT-HD1 oferece. Desenvolvido para iniciantes no estudo desse instrumento – ou para aqueles que querem conhecê-lo –, o pacote da Roland traz um software, uma interface MIDI Cakewalk modelo UM-1G e um cabo de áudio para conectar uma V-Drums HD-1 ao computador.

Com dois tipos de aplicação, o programa interativo permite aprender como tocar bateria de modo autodidata, com notação de notas, ou de modo mais lúdico, por meio de um game desenvolvido especialmente para ele. De padrões básicos a músicas completas, o DT-HD1 oferece dezenas de exemplos de vários gêneros. No modo Drum Notation Screen, o tutor guia o estudante pelos padrões e apresenta quais



pads devem ser tocados e de que modo. Também é possível alterar a velocidade de execução – de 20 a 250 bpm – e repetir seções, além de muitas outras facilidades.

Com o Game Screen, o usuário aprende como tocar os pads enquanto o software verifica o progresso do aluno e avalia sua performance.

O professor digital permite, também, que o músico utilize arquivos SMF de suas canções preferidas para a prática, tornando muito mais agradável a dura rotina dos estudos. Esse tipo de arquivo possibilita retirar a bateria programada da música e executar sua performance. O DT-HD1, que roda em computadores PC com Windows (XP ou Vista), ensina como tocar de maneira divertida, eficiente e abrangente.

LX-10

Roland

Bonito, elegante e inovador, o que mais chama a atenção no novo piano digital da Roland, à primeira vista, é o design: o LX-10 é um instrumento upright (de armário ou vertical) que combina acabamento dos tipos preto fosco acetinado (satin-black) e ébano polido, ideal para residências e escolas de música. A tampa do teclado possui amortecedores para o fechamento, o que evita acidentes, e sua parte interna reflete tanto as teclas quan-

to a mão do músico, o que imprime mais elegância ao modelo e uma pitada adicional de charme.

As qualidades do LX-10, no entanto, não se restringem ao visual. Apesar da pequena profundidade (45 centímetros aproximadamente), o equipamento fornece uma atmosfera sonora envolvente graças a um novo sistema que utiliza seis alto-falantes distribuídos pelo móvel e 120 watts de potência. De modo idêntico ao que ocorre em

um piano acústico, o timbre se altera de acordo com a posição da tampa superior, aberta ou fechada.

O mecanismo do teclado é o mesmo usado nos pianos de cauda da Roland: Progressive Hammer Action II com Escapement e acabamento Ivory Feel.

As teclas graves são mais pesadas que as agudas, o toque do marfim e do ébano absorve o suor e a oleosidade das mãos, e o duplo escape existente nos pianos de cauda acústicos é fielmente reproduzido, o que oferece uma experiência mais realística na execução, assim como a polifonia de 128 vozes – suficiente para qualquer aplicação musical – e as 88 notas amostradas digitalmente em múltiplas dinâmicas.

A operação do modelo é muito simples, ainda mais facilitada pelo display LCD gráfico de 128 por 64 pontos. A porta USB incorporada permite ao músico reproduzir tanto arquivos MIDI quanto de áudio diretamente de um pen drive ou dispositivo de armazenamento compatível, com a possibilidade de alterar o tempo de reprodução nos dois tipos.



UA-1G

Interface de áudio ao mesmo tempo compacta e de alta qualidade, a Cakewalk UA-1G responde bem a ambos os quesitos. Com entrada e saída estéreo e conexão USB, o modelo é ideal para os que querem gravar em qualquer lugar, seja em residências ou hotéis, durante ensaios de uma banda ou por hobby. A alimentação da unidade é feita pela porta USB, o que garante ainda mais mobilidade. Com taxa de resolução de áudio de até 96 kHz em 24 bits, o produto possui compatibilidade com os drivers ASIO 2.0 (Windows e Mac), WDM (Windows XP) e Core Audio (Mac OS X), além de latência zero para

monitoração. Entradas analógicas e digitais nos formatos RCA e mini 1/8", afora a de 1/4" com opção de alta impedância para guitarras, garantem conexão a uma ampla variedade de equipamentos e instrumentos, incluindo microfones. Um grande knob situado na parte superior do modelo controla o nível de sinal, facilitando o manuseio do músico. O pacote ainda inclui o software Sonar LE, constituindo uma solução completa de gravação.



TU-12EX TU-12BW TU-88BK / TU-88WH

Os novos afinadores cromáticos da BOSS oferecem muito mais recursos que os anteriores e possuem características exclusivas, que fazem deles os companheiros ideais para qualquer músico. O TU-12EX é o sucessor do lendário TU-12, um dos modelos mais utilizados por todo o mundo. Dirigido para uso com guitarras e contrabaixos, conta com indicadores em LED e agulha, para proporcionar uma afinação mais rápida e precisa. Entre os recursos disponíveis estão ACCU-PITCH (que emite um sinal sonoro ao atingir a afinação correta), Flat Tuning, tom de referência, microfone incorporado para instrumentos acústicos e sistema Auto-Off para economia das baterias. O equipamento tem capacidade de extensão de afinação de E0 (20.6Hz) a C8 (4,186.0Hz) e o tom de referência pode ser ajustado entre 438 e 445Hz. O modelo TU-12BW, por sua vez, é destinado a sopros e metais,

como saxofones, flautas, clarinetes, trompetes etc. Além de todas as qualidades do TU-12EX, ele tem como diferenciais o microfone de contato tipo clip-on para fixação no instrumento e o adaptador que pode ser preso à estante de partituras, para facilitar a visualização e o uso. Para quem quer ainda mais, os monitores pessoais TU-88BK (preto) e TU-88WH (branco) oferecem, além dos recursos existentes nos afinadores eletrônicos mais simples, como a agulha indicativa e o sistema ACCU-PITCH, três modos de afinação diferentes (Chromatic, Guitar e Bass). Mas o equipamento traz outras funções muito úteis para o músico. Um amplificador de fones de ouvido com emulação de alto-falante permite afinar o instrumento, aquecer e checar o setup com privacidade e timbres de alta qualidade sem a necessidade de amplificadores. O metrônomo incorporado apre-

senta padrões rítmicos selecionáveis, controle de volume e botão *TAP TEMPO* para identificar o andamento de músicas. A entrada MIX IN, por sua vez, possibilita tocar juntamente com o playback de uma fonte externa, como um iPod ou CD player, e ouvir o resultado nos fones, juntamente com a guitarra.



KC-880

O novo carro-chefe da série KC de amplificadores de palco está cheio de recursos de alta performance que fazem dele o modelo ideal tanto para teclados e vocais quanto para bandas. O equipamento possui cinco canais estéreo, com um conjunto de conexões que possibilita grande flexibilidade. Estão disponíveis vários tipos de entradas, como balanceadas XLR para microfone, jaques de 1/4" para instrumentos musicais e fontes de áudio externas, três auxiliares (RCA, 1/4" e 1/8") e foot switch (TRS), além de saídas para fones de ouvido e linha com conectores XLR e 1/4". O recurso Stereo Link permite interligar múltiplas unidades para sonorização. O KC-880 oferece 320 watts de potência, transmitidos por dois woofers de 12 polegadas e dois tweeters. Graças à arquitetura de sua construção, a imagem estereofônica é ampla e o efeito abrangente. O processador de efeitos DSP incorporado conta com Reverb, Chorus, Tremolo e Rotary, que podem ser inseridos em qualquer dos canais.



VB-99

Com o lançamento do VB-99, a Roland coloca à disposição do mercado um equipamento que oferece três vezes mais potência de processamento que o V-Bass original. Baseado em um novo chip e em 10 anos de pesquisa e desenvolvimento, o produto disponibiliza uma grande variedade de modelos COSM de simulação de baixos, incluindo cobijados instrumentos tanto vintage quanto modernos, além de sintetizados e, até mesmo, guitarras elétricas. Seis opções de caixas acústicas e 12 de pré-amplificadores, adicionados aos 43 tipos de efeitos e seis de compressor, colocam à disposição do músico um arsenal respeitável para a expressão de toda sua criatividade. O equipamento ostenta dois canais independentes de sinal, o que expande sobremaneira as possibilidades sonoras do sistema, viabilizando a utilização de dois timbres (patches) distintos simultaneamente, mixando-os ou dividindo-os conforme seja necessário, tendo a dinâmica como um dos vários controladores de tal efeito. Estão disponíveis, também, outros controladores da expressividade, como o D-Beam (que permite alterar a sonoridade por meio de movimentos da mão sobre um feixe de luz infravermelha) e o Ribbon Controller (que faz o

mesmo em uma pequena superfície de controle), afora a compatibilidade com o protocolo V-Link, com o qual é possível comandar imagens em tempo real por meio da execução musical. Com a nova função *String Modeling* o usuário pode customizar as cordas virtuais, alterando-as de *Round Wound* para *Flat Wound* ou *Black Nylon*, aperfeiçoando a experiência criativa. Desde o lançamento do V-Bass original, a Roland tem estado atenta às necessidades dos músicos e, por conta disso, dotou o VB-99 de recursos especialmente desenvolvidos para os contrabaixistas, como a entrada/saída BASS DIRECT e conexão XLR com aterramento. Além disso, o equipamento pode ser controlado por uma pedaleira Roland FC-300 e convenientemente instalado em um rack com um adaptador opcional. Para facilitar a gravação e a troca de patches, o modelo foi dotado de uma conexão USB com capacidade de transmissão de áudio ou MIDI e um software de edição de timbres.



VP-770

O VP-770 Vocal & Ensemble Keyboard é a solução ideal tanto para artistas de techno e dance quanto para profissionais de eventos e músicos gospel. O equipamento oferece infinitas opções de arranjos vocais, de cordas e de metais, potencializados pela exclusiva tecnologia SuperNATURAL. Isso dá ao usuário a possibilidade de criar backing vocals realísticos em diversos estilos, desde as mais recentes tendências musicais até grandes corais para uso em cerimônias, assim como construir naipes de instrumentos. O vocoder de alta resolução incorporado permite

manipular voz ou sinais de áudio a fim de reproduzir efeitos clássicos para estilos eletrônicos ou inventar outros, retrô ou futurísticos. Construído sobre uma sólida base de madeira e metal, o equipamento - descendente do VP-550 - apresenta nova interface e foi desenvolvido principalmente para uso em apresentações. Para auxiliar ainda mais o músico, um microfone dinâmico headset especialmente calibrado para uso com o pré-amplificador do teclado é distribuído juntamente com o pacote, reduzindo a probabilidade de feedback. Uma conexão para pen drives está disponível, permitindo a reprodução de arquivos wav, aiff e mp3.



Roland

UM-3G UM-2G UM-1G

A nova linha Cakewalk de interfaces oferece soluções práticas e confiáveis para todos aqueles que necessitem de portabilidade e facilidade na conexão de equipamentos MIDI a computadores. A UM-1G é destinada para aplicações mais simples, como a gravação de sequências ou o controle de softwares via teclado. Possui uma entrada e uma saída MIDI, com cabos e conectores macho, e conexão USB, dispensando o uso de fontes de AC externas. A porta Out pode ser configurada para Thru por meio de uma chave situada na lateral da unidade e, para visualizar o bom funcionamento do produto, ele conta com LED indicador de atividade e botão MIDI Check. O equipamento possui drivers para platafor-

mas PC e Mac e baixíssima latência graças ao modo Advance Driver, recursos existentes também nos outros modelos da série. A interface UM-2G, por sua vez, foi desenvolvida para aplicações em que é necessária a conexão de mais que um equipamento, como estúdios e produções que necessitem de uma solução portátil para disparar dispositivos de luzes, imagens, vídeo e áudio. Entre os diferenciais, pode ser citada a presença de duas entradas e duas saídas MIDI com conectores fêmea, o que possibilita o uso simultâneo de 32 canais. Além disso, cada porta MIDI Out pode ser alterada independentemente para Thru, garantindo flexibilidade ao sistema.

Desenvolvida para viabilizar a conexão de múltiplos teclados, módulos de som, superfícies de controle e outros periféricos MIDI a um desktop, a inter-

face Cakewalk UM-3G é ideal para qualquer situação em que mobilidade é fundamental, como shows e turnês, por exemplo. O modelo oferece três entradas e três saídas com conectores fêmea, com a opção de selecionar entre Out e Thru por switches existentes no painel frontal, possibilitando o uso de até 48 canais MIDI simultaneamente. Além disso, o hub USB incorporado permite o acoplamento em cascata de três unidades, aumentando a conectividade com o computador para até nove entradas e saídas. A alimentação é realizada por meio da porta USB, dispensando o uso de transformadores de energia elétrica externos, e o equipamento pode ser posicionado em um rack com o uso de um adaptador Roland RAF-70.



cakewalk
by Roland



Roland

PRELUDE

Dando continuidade à fama dos arranjadores Roland, o Prelude, descendente direto do GW-8, corresponde à nova geração de teclados portáteis destinados aos músicos de entretenimento e domésticos. Com apenas 7,8 quilos, o modelo possui 61 teclas sensíveis à velocidade de toque e polifonia de 128 vozes. Na memória, 896 patches - além de 256 GM e uma seleção de timbres étnicos - oferecem uma ampla variedade de sonoridades para a execução de qualquer gênero musical. Para isso colaboram, também, os 130 estilos existentes - incluindo os 50 ritmos brasileiros

feitos para o GW-8 - com quatro introduções, quatro variações, quatro finalizações e quatro fill-ins cada um. Outros cem podem ser armazenados internamente, além de 200 músicas e 256 performances, entre as de usuário e as de fábrica. A seção de efeitos traz 78 tipos MFX, cinco de reverb e três de chorus, proporcionando tudo de que um tecladista precisa para a reprodução de qualquer instrumento ou composição, o que inclui alto-falantes e amplificação própria de 22 watts. Entre os recursos existentes no modelo estão controlador D-Beam e roda de modulação e pitch, saída estéreo para amplificação externa e entrada de áudio, afora conexões para fones de ouvido (um par), MIDI

In/ Out e USB e pedal de controle. Um dos destaques do equipamento é a porta USB que permite utilizar pen drives ou outros periféricos como meio de armazenamento e transporte de dados. Com isso, pode-se reproduzir MIDI e áudio nos formatos mp3, wav e aiff diretamente desses dispositivos, além de alterar o andamento e outras facilidades como a função Center Cancel que reduz o volume dos vocais de músicas pré-gravadas e possibilita o uso delas em estilo karaokê. O produto é acompanhado, também, dos softwares Style Converter e Playlist Editor, que auxiliam a customizar arranjos e performances, assim como o sequencer incorporado de 16 pistas, responsável por gravar e armazenar as atuações do tecladista.

V-SYNTH GT VERSION 2.0

Um ano após seu lançamento, o V-Synth GT, considerado o mais expressivo sintetizador já desenvolvido, ganha ampliações com a atualização 2.0. Sendo assim, os artistas dedicados ao sound design ou à performance ao vivo contam agora com mais ferramentas. Além da síntese de áudio flexível, o V-Synth GT introduziu a AP Synthesis que aproxima de forma definitiva o sintetizador dos instrumentos acústicos, recriando detalhes inéditos em sons como violino, flauta e sax. Apresentando o novo sistema Dual Core, o equipamento pode combinar simultaneamente Áudio Flexível (Elastic Audio) e Vocal Designer, além da AP Synthesis. O produto também inclui a tecnologia Variphrase. No coração do teclado está um motor sonoro com modelagem analógica que recria toda a sonoridade dos clássicos sintetizadores desse tipo. Com a entrada de áudio, é possível manipular quaisquer sinais de áudio com os efeitos internos do GT. Se desejar, o músico pode amostrar qualquer instrumento, pois o aparelho possui todos os recursos de um sampler digital profissional.



Roland

Entre os recursos adicionados ao instrumento na versão 2.0, podem ser encontrados 22 tone effects e cinco reverbs inteiramente novos, além dos existentes no original. Os músicos também têm facilidades em relação à interface, como ícones amigáveis para navegação, resposta de knobs e controle tonal de alta resolução, escala cromática no pitch bend, mais funcionalidades USB e função Import Files aperfeiçoada, para melhor gerenciamento de patches, tones, waves e samples. A atualização ainda traz 158 novos timbres, com diversos leads, pads e arpeggios, além de novos sons de vocoder. A versão 2.0 está disponível via download para todos os proprietários de V-Synth GT no endereço www.roland.com.br.



Experiências sensoriais

Sampler de vídeo P-10 propicia interação prática e simples de efeitos visuais e sonoros

Manejar imagens e sons simultaneamente, em tempo real. O desejo de muitos músicos, produtores, DJs e artistas visuais enfim tornou-se realidade. Novas ferramentas – mais potentes e com alta definição de vídeo e áudio – permitem manejar essas duas formas distintas de arte.

Nesse mercado tão novo quanto revolucionário, a Edirol se destaca por oferecer produtos que aliam qualidade e bom preço. Entre gravadores voltados para broadcast e produção e o pacote Motion Dive MD-P1S, o lançamento de um sampler de vídeo que segue a linha e o design de equipamentos similares aos de áudio - utilizados em larga escala por todo o mundo – agitou a comunidade de DJs, VJs e produtores.

VISUAL SAMPLER P-10

O P-10 é a mais nova ferramenta visual compacta da Edirol. Trata-se de uma unidade stand alone que oferece todos os recursos necessários para criar apresentações fascinantes, como captura em tempo real e efeitos especiais. O equipamento grava e reproduz imagens e vídeos utilizando cartões de memória SD ou SDHC - de 512MB até 16GB - que permitem armazenamento confiável e reprodução com fidelidade. Pode-se transferir arquivos de áudio, clipes e figuras de um computador pela porta USB, editá-los e visualizá-los no próprio aparelho, utilizando o display colorido LCD de 3,5 polegadas e alta definição, que elimina a necessidade de monitores externos e dá ao produto autonomia total.

Um dos primeiros a experimentá-lo – e aprová-lo – foi o DJ Adilson Santos, mais conhecido como Tico Producer: “Confesso que quando a Roland Brasil me convidou para fazer uma apresentação com um produto que manipulava áudio e vídeo simultaneamente, me assustei um pouco”, conta. “Mas depois de passar alguns minutos com o Visual Sampler, fiquei impressionado com os recursos e o design, além da facilidade e da rapidez com que se pode aprender a manusear o equipamento. É como se eu o utilizasse há muito tempo.”

Com interface do tipo sampler, o equipamento possibilita disparar video-clipes e figuras por meio dos 12 pads situados no painel superior. Isso permite que o artista opere com imagens como

faz com sons. As teclas luminosas melhoram a operação em ambientes escuros. “A Roland teve uma grande ideia ao criar um manipulador de vídeo com uma interface desse tipo, fazendo que as performances criadas nele sejam mais rápidas e intuitivas”, afirma Tico.

Até 864 clipes ou 86.400 figuras podem ser atribuídos a 72 bancos, o que proporciona flexibilidade e rapidez ao usuário. Cada projeto, por sua vez, comporta, ao todo, 9.999 arquivos. “A maioria dos similares necessita de outros equipamentos, como um computador ou um DVD, para funcionar”, diz Tico. “Com isso, corre-se o risco de acontecer uma falha inesperada no sistema ou um risco na mídia. Com o P-10, a possibilidade de um imprevisto é praticamente nula”, afirma.

MÃOS À OBRA

O P-10 apresenta função *EXT SOURCE* que permite utilizar fontes externas, como uma câmera filmadora ou um notebook, e acrescentar as imagens captadas a uma performance. Também é possível fazer samples delas para uso posterior. Videoclipes

são armazenados no formato Motion jpeg e figuras em jpeg. “Outra grande novidade é o número de conexões”, acredita Tico. O equipamento possui entradas e saídas de vídeo Composite e S-Video e de áudio RCA (estéreo). “Além das tradicionais, o P-10 pode ser conectado via S-Video, aumentando ainda mais a qualidade dos elementos gravados e reproduzidos por ele.”

A integração é total com outros produtos Roland por meio de três portas MIDI e do protocolo V-Link, que possibilita a criação de performances multimídia com uma única conexão. Graças a ele, é possível, por exemplo, a exibição de imagens em sincronismo com a saída de áudio de um sampler SP-555, a utilização de um piano para controlar os vídeos ou, até mesmo, sincronizar o P-10 com outros sistemas como o Motion Dive ou o V8 Video Mixer. “Controle total: essa é a sensação”, entusiasma-se Tico. “O artista mexe com dois sentidos ao mesmo tempo. A audição faz o corpo dançar e a visão faz a mente ir longe.”

Ampliando o arsenal de ferramentas do usuário, o equipamento

oferece dois tipos de One Shot e de Gate e modos de reprodução *Forward Loop* e *Alternate Loop*, além de uma série de efeitos visuais, como *Repeat*, *Reverse*, *Strobe*, *Speed*, *Color*, *Output Fade* e *Slide Show*, entre outros. Isso permite a manipulação de vídeos e imagens com criatividade e facilidade.

NA BALADA

Com todos esses recursos, a performance visual ganha novo impulso no trabalho dos DJs. “Eles podem não apenas tocar uma música, mas também reproduzir clipes, trabalhar com efeitos sem alterar o áudio reproduzido e criar uma performance mais abrangente e dinâmica”, acredita Tico.

Atualmente, é comum a presença de um VJ ao lado do DJ. Esse é o profissional que transforma a música em imagem. “Com este novo produto, fica muito fácil de ele sincronizar os movimentos do vídeo com as batidas de uma determinada mixagem, criando uma atmosfera mágica na pista de dança”, atesta Tico. “O P-10 é sucesso garantido.”

(Maurício Martins)

PRIMEIRAS IMPRESSÕES

Durante a *Expomusic 2008*, Tico Producer pilotou um Edirol Visual Sampler P-10 em apresentações no Roland Live Stage. Ao lado dele, a DJ Lisa Bueno utilizou um sampler de áudio Roland SP-555, em que foi desenvolvida toda a parte musical. “Basicamente, meu trabalho foi criado sobre aquilo que a Lisa idealizou”, conta Tico. “Ela pesquisou sons de determinada época, e fiz o mesmo em relação às imagens. Precisei apenas organizar a ordem dos samples e salvar em um SD. Sabia como seria a performance antes mesmo de realizá-la no aparelho.”



Tico Producer e Lisa Bueno durante apresentação na *Expomusic 2008*

Novas sonoridades

Depois de ser considerado um dos bateristas mais influentes do metal mundial, Iggor Cavalera investe na música eletrônica e retoma projeto com o irmão Max adotando instrumentos V-Drums

Todo e qualquer artista almeja uma única coisa em sua carreira: o sucesso. Após alcançá-lo, no entanto, ele percebe, frequentemente, que certos detalhes deixam de fazer sentido e muito se perdeu durante a jornada. Depois do primeiro impacto dessa constatação, a maioria retoma a alegria de trabalhar com música, independentemente de bandas, contratos, gravadoras e parcerias, dedicando-se exclusivamente aos projetos que lhe dão prazer.

Iggor Cavalera é um desses. Influenciado pelo pai no gosto pela arte sonora e apaixonado por bateria desde muito cedo, com seis anos o garoto mineiro batucava em instrumentos como tarol e surdo existentes em sua casa. “Tudo isso sem ter pensamento de banda. Era uma coisa minha de querer tocar bateria”, lembra. Aos oito, começou a frequentar aulas, entretanto ficou desmotivado por causa do método: “O professor percebeu que o meu interesse não era saber qual a melhor maneira de segurar uma baqueta, mas sentar e tirar um som.”

Das brincadeiras com os amigos à gravação do primeiro álbum com o Sepultura, o caminho foi rápido. Aos 13 anos, Iggor estreava em estúdio. O sucesso chegou depressa e por mais de uma década o grupo se manteve no topo da lista dos preferidos do metal. Depois de cultuado como baterista de um dos mais importantes conjuntos do estilo no mundo, porém, o instrumentista afastou-se de tudo, movido pelos desentendimentos que culminaram com a separação do grupo. Decidido a dar mais valor ao convívio familiar, criou com a esposa, Laima Leyton, o Mixhell, em que os beats eletrônicos extravasam a eterna busca pela inovação que sempre perseguiu o músico. Após dez anos sem falar com o irmão - o guitarrista Max Cavalera - retomou o contato fraterno e profissional e deu início ao projeto Cavalera Conspiracy.

Explorando os recursos que a tecnologia pode oferecer, sem esquecer as raízes que o elevaram à categoria de um dos mais importantes bateristas do metal, Iggor é a síntese do músico moderno.

Quais foram as principais dificuldades que enfrentou para gravar o primeiro disco do Sepultura?

Minha maior dificuldade era tocar o bumbo, já que estava acostumado a ensaiar em uma bateria incompleta, com apenas uma caixa, um tom, um surdo e um prato. Não tinha dinheiro para comprar um pedal, muito menos um bumbo e, consequentemente, não fazia coisa alguma com o pé. A primeira adaptação para gravar o disco - que achei bem estranha - foi ter que usá-lo. Além disso, todas as pessoas estavam fazendo levadas e viradas na mão. Era um lance legal, que uso até hoje, de fazer muitas coisas no tom e não ficar me prendendo naquela regra básica de caixa, bumbo e chimbau.

Muitos dizem que, no início, suas linhas eram caóticas. Depois, você se desenvolveu e até criou um estilo próprio. Como aconteceu essa evolução?

Por instinto. Não foi algo pensado, de ficar pirando. Quanto mais você alucina em querer criar um estilo, maior a dificuldade. Isso deve acontecer naturalmente. Quando olho para o passado, consigo ver essa evolução. Mas, na época, meu pensamento era tocar e tentar fazer coisas diferentes com a banda.

De onde surgiu o interesse pelos elementos tribais?

Foi algo como voltar ao início, aos seis ou sete anos, com as coisas que gostava de tocar até mesmo sem bumbo. Muito dessa parte tribal veio disso e de estar fazendo bastante trabalho de tons. Depois, comecei a ver que esses elementos combinavam com o caminho que a banda estava seguindo, com algo mais percussivo. Então, passei a tratar a bateria como um instrumento de percussão, sem ter que seguir cer-

tas regras de como tratar um estilo. E, se quisesse, poderia fazer uma música inteira tocando apenas o tom.

Como foi a experiência de conviver com os índios Xavantes?

Quando fizemos o *Roots (séxto disco do Sepultura)*, quisemos ir à raiz da música do Brasil. E não há como ir mais fundo do que trabalhar com os índios, que estão aqui desde sempre. Não existia um lado percussivo e muito menos de bateria, porque os Xavantes não possuem esses tipos de instrumentos. Tudo que fazem é com a voz. Eles penduram coisas no corpo que emitem algum barulho. Minha ideia foi mais legal por isso. Levei algo para somar com a cultura deles.

De que maneira se interessou pela música eletrônica?

Sempre fui ligado à música eletrônica, mesmo tocando no Sepultura. Acho muito importante todos os meios de fazer beats. Nunca me importei se é um moleque em um estúdio com uma bateriazinha eletrônica ou um cara tocando um som na África. Não tenho esse preconceito entre beat eletrônico ou orgânico, acústico. Vai da criatividade de quem conseguiu inventar algo de forma legal. Possuo uma visão aberta de tudo. Tanto que, quando comecei a desenvolver os trabalhos no Mixhell, não parei e pensei: “não estou mais tocando bateria. Estou criando um beat com o dedo”. Mas, para mim, o que estava saindo da caixa era muito bom. Tanto quanto o acústico.

Por que decidiu investir nesse estilo?

Foi muito por acidente. Não foi planejado. Tinha a ideia de trabalhar com minha esposa na época. Ela estava há dez anos no Museu de Arte Moderna e procurávamos algo diferente. Eu já

estava de saco cheio de banda, de turnê e de tudo isso. Não sabíamos o que fazer, se era algo relacionado com arte no museu ou música. Surgiram alguns convites para eu discotecar e como ela sempre estava comigo, começamos a nos apresentar juntos. Virou o Mixhell. Não foi uma coisa de ter feito uma reunião e decidido: “a gente vai montar um projeto”. Esse trabalho meio que apareceu e, hoje em dia, toma praticamente todo meu tempo.

Sofreu algum preconceito por essa decisão?

Tudo que fiz sofreu algum tipo de preconceito. Nunca realizei algo que todo mundo tenha concordado. Mas, para mim, não é uma coisa importante. Quem quer desenvolver algo novo, tem que lidar com isso. Vai ter aquele que odeie ou ame. Acho que se o artista prestar atenção nesse ponto, acaba fazendo um trabalho muito óbvio e previsível. Vira mais um. Essa não é a minha preocupação. É lógico que ouço tudo isso, mas não é um fator que influencia o que crio musicalmente.

Quando recebeu o convite do Max para fazer o Cavalera Conspiracy, em algum momento você hesitou em aceitar?

A minha hesitação era continuar o que estava fazendo com o Sepultura. Isso era algo meio óbvio. A partir do momento em que ele me ligou, disse para trabalharmos em um projeto nosso, novo, que não seria Sepultura, Soulfly ou Mixhell, mas uma coisa que a gente ia inventar. E o que vai sair disso? Se for metal, que seja. Se for outra coisa, tudo bem. Quando recebi o convite dessa forma, para mim já foi o bastante. Caso ele sugerisse fazermos uma continuação de um disco do Sepultura, eu não teria interesse: “legal, mas não é a hora para isso”. Talvez daqui a 10 anos.

Quais as principais diferenças desse projeto com os outros que você teve com o seu irmão, como o Sepultura e o Nailbomb?

O Cavalera Conspiracy é parecido com o Nailbomb. Não musicalmente, mas do jeito que fazemos. E é muito diferente do Sepultura, já que nunca ensaiamos. Meu irmão escreve diversos riffs. Até brincamos que existe um armário que o Max abre e pega o que quer. Ele grava muita coisa, o tempo inteiro e me mandou alguns CDs com esses riffs. Então, não foi como era com o Sepultura, de ficar meses em um estúdio tocando, fazendo jam para a música sair. Foi algo, como o Nailbomb, em que a gente fez o disco e gravou em uma semana.

Vocês estão procurando novos integrantes?

Não. O Cavalera é aquilo, uma formação que aconteceu meio que por acaso. O Max queria trabalhar com o guitarrista que o acompanha (*Marc Rizzo*), já que ele está superafinado com o cara. Para o baixo, quisemos chamar “alguém diferente”. E o Joe (*Duplantier*), que é do Gojira, fez o disco. Agora, estamos com o Johny Chow, que é outro baixista que tocou durante a turnê. Ele é muito bom. Então, quando pararmos para gravar outro trabalho, provavelmente será com esses integrantes.

Você e o Max possuem uma sintonia musical bastante intensa. Houve dificuldade com os outros integrantes?

A maior dificuldade era acompanharem a linha de raciocínio que tenho com o meu irmão, que é muito rápida. Trocamos influências desde moleques, com três ou quatro anos. Existia essa sintonia mesmo quando jogávamos futebol. E continua com a música. Mas, como o Max estava participando da produção do disco, ele teve uma ideia muito legal, que era a de deixar rolar. Se nós estivéssemos tocando uma coisa muito boa, não íamos parar porque o baixista não estava conseguindo seguir. Depois, arrumaríamos o baixo do cara. Foi uma decisão que funcionou superbem. Aos poucos, foram pegando o jeito, se adaptando. Porque nem preciso falar com o meu irmão. Basta nos olharmos e já sei o que fazer. Por exemplo, se estou em um beat, ele faz a voz que encaixa naquilo. São coisas de sinergia.

Como teve a ideia de remontar uma bateria apenas para reaprender a tocar de maneira diferente as músicas que sabia?

O Guilherme Cersosimo, meu roadie, é quem mais sofre com isso. Gosto de criar desafios. Às vezes, estou de saco cheio do mesmo set, então invento alguma coisa. Houve uma época em que decidi usar os tons totalmente flat. E precisei meio que reaprender a tocar. É uma coisa gostosa. Como músico, isso me mantém vivo.

Todos os seus trabalhos têm algum tipo de inovação?

Sim. Por mais que seja algo que você não consiga ouvir, na minha cabeça sempre há. Tento entrar com outra pegada. Até mesmo o disco do Cavalera (*Inflikted*), em que procurei tocar o mais simples possível. Era uma meta que eu tinha. Esse era um caminho novo.

Quais são seus próximos projetos?

Este ano será de muitos trabalhos e shows. A ideia de realizar a turnê do Cavalera pelo Brasil está começando a ficar madura. Assim como a de fazer um disco novo. E o Mixhell tem um EP que vai sair na Europa. Isso acaba vazando para o mundo inteiro. Nesse caminho, estamos criando a trilha sonora de um filme nacional que vai falar sobre a história da moda no Brasil.

O que você acha de tocar ao vivo?

É uma adrenalina diferente, já que há uma resposta gigantesca do público. Também gosto de estar no estúdio. É chato ficar horas para tirar um som. Mas é uma sensação muito boa pegar um CD do que você produziu, colocar no carro e falar: “estou ouvindo todo aquele trampo, desde quando tive a ideia até agora”. O lance do ao vivo é meio que perder a noção do que se está fazendo. Nas gravações, não chego a esse nível. Durante uma apresentação, estou tocando muito alto, mais forte e rápido. Tudo acaba acontecendo. É sensacional acabar o show e ver que descarreguei tudo. **(Nilton Corazza e Rafael Furugen)**



Cavalera e Roland

Ávido por incorporar novas sonoridades ao seu trabalho, Iggor adotou os instrumentos Roland V-Drums como parceiros. O kit TD-12K, o sampler percussivo SPD-S e os triggers utilizados para disparar amostras por meio da bateria acústica são, atualmente, as ferramentas mais importantes do músico em seu processo criativo.

Quando você teve o primeiro contato com os produtos Roland?

Eu havia testado diversos equipamento. Até o Guilherme (*Cersosimo*) me apresentou vários produtos Roland. Sempre tive interesse em colocar elementos eletrônicos em meu set. E isso vem desde a época do Sepultura. Era uma vontade muito forte de contar com isso cada vez mais, para poder criar e ter uma sonoridade maior. Essa parceria é um passo para tentar coisas novas. Minha ideia principal em trabalhar com a Roland é a de crescermos juntos. E, por esse lado, acredito que o caminho seja infinito.

Você é aficionado em tecnologia?

Não sou aficionado, mas estou conhecendo cada vez mais. Não tenho alergia. Meu irmão é que sofre. Ele é alérgico até ao celular. Há uma certa resistência de minha geração. Mas quero estudar muito. Nem tenho tempo para me dedicar tanto, senão não consigo tocar ou fazer outras coisas. No entanto, tenho aptidão para compreender a tecnologia.

Teve dificuldades durante a transição da bateria acústica para a eletrônica?

Não. O produto está tão evoluído que o músico consegue fazer a mesma coisa. Mas são dois bichos diferentes. Se ele sentar em uma bateria eletrônica querendo que seja acústica, não vai dar certo. E vice-versa. É preciso ter a cabeça aberta e a sensibilidade de saber até onde vai cada uma delas.

Utiliza os equipamentos Roland em gravações e performances?

Utilizo em tudo. Tanto nessa turnê do Cavalera quanto nas coisas do Mixhell, estou usando a parte eletrônica cada vez mais do que a acústica. E no estúdio também. A combinação perfeita é ter os dois.

Quais são as facilidade encontradas nesses equipamentos?

Acredito que o mais importante é buscar o resultado muito rápido. Com a bateria acústica, leva-se mais tempo para chegar ao som que se procura. Acho que o trabalho que o músico tem com uma eletrônica é muito mais pré do que pós. É tudo que se faz antes de chegar ao show. E é mais simples.

Como os metaleiros reagem ao vê-lo tocando com uma bateria eletrônica?

O público de metal não está acostumado com coisa alguma. A primeira vez em que usei um bumbo de 20 (*polegadas*), havia gente querendo me matar. Perguntaram por que eu ia tocar com esse bumbo de brinquedo. Hoje em dia, está supercomum. Acredito que essa resistência vale também para a parte eletrônica. A partir do momento em que o cara vai ao show e vê, o que eu chamo de teste de fogo, não tenho dúvidas de que ele sai dali pensando diferente.

Quais as principais ferramentas que você utiliza do SPD-S?

A ideia de misturar o acústico com o eletrônico é mais a de buscar o punch. Quando se joga isso no PA ou no monitor, não é necessário aumentar tanto o volume do instrumento. No caso de outros sons, o intuito é procurar aquelas sonoridades que são feitas no disco mas não há possibilidade de disponibilizar em um show. O músico teria que montar uma bateria maior que a do Neil Peart (*baterista da banda Rush*) para ter tudo, desde efeito e várias coisas. Essa combinação é perfeita: buscar o punch na bateria e poder samplear o que foi utilizado no estúdio.

Iggor Cavalera arrastou uma multidão de fãs durante a *Expomusic 2008*



A evolução continua

Seguindo a tradição de sempre oferecer produtos inovadores e adequados ao seu tempo, a BOSS anunciou o lançamento da pedaleira ME-70 Guitar Multiple Effects



O grande destaque da BOSS durante a *Winter NAMM 2009* foi a apresentação da pedaleira ME-70 Guitar Multiple Effects. Ela chega ao mercado para substituir a ME-50 e fechar um ciclo de modernização desse tipo de equipamento, iniciado com os modelos ME-20 e GT-10, nos anos de 2007 e 2008 respectivamente.

Por conta da facilidade de operação do aparelho, graças em parte à presença de botões dedicados, a ME-50 foi o ponto de partida para sua sucessora. Masao Takahashi, presidente da BOSS Corporation e chefe do projeto da ME-70, afirma: "Sendo um sucesso de vendas no mundo todo desde 2003, a ME-50 trouxe uma enorme base de usuários para a marca, que ouviu as solicitações feitas por eles, principalmente nos últimos dois anos". Esses apelos com certeza influenciaram o desenvolvimento da nova pedaleira, que incorporou recursos como simulação de amplificadores, gravação de loops e mudança de bancos na própria unidade.

RECURSOS SOB MEDIDA

A inovação mais aguardada na ME-70 é, sem dúvida, a incorporação de simulações de amplificadores. O músico pode agora emular alguns modelos clássicos na criação de seus timbres e ligar o equipamento diretamente à mesa de mixagem ou a sistemas de gravação. Esse recurso também é importante para estudo com fones de ouvido, adicionando mais "corpo" e realismo ao som. Para acioná-lo, basta um simples toque em um botão. Em seguida, é possível selecionar um tipo desejado e ajustar os parâmetros, como seria feito em um amplificador "real".

A ME-70 recria modelos clássicos para guitarra por meio da exclusiva tecnologia COSM, presente também no topo de linha da marca, o processador de efeitos GT-10. Os seis tipos apresentados no novo produto cobrem praticamente todas as necessidades dos músicos: vão de modelos "clean" - ao melhor estilo JC-120 - até sistemas valvulados de cabeça e caixa com alto ganho, os chamados "stacks". Existem ainda configurações ideais para blues, rock, hard rock e heavy metal, todas com sonoridades incrivelmente próximas às dos originais (ouça os timbres da

ME-70 no site www.bossbrasil.com.br).

Robert Marcello, especialista de produtos da BOSS e principal demonstrador da ME-70 nos Estados Unidos, comenta: "A primeira coisa que faço ao tirar uma pedaleira da caixa, é testar como soam os drives e as simulações. Anulo todos os outros efeitos, seleciono um modelo de amplificador valvulado e vou aumentando o ganho". Seguindo esse procedimento, o artista concluiu: "O resultado nesse equipamento é impressionante. As opções *STACK* e *LEAD STACK* são minhas preferidas e vêm prontas para usar". Rob Marcello (como é conhecido) tem uma longa carreira como guitarrista-solo e integra a banda Danger Danger há mais de cinco anos. Com a bagagem de um dos músicos de hard rock mais conceituados de seu país, ele é enfático sobre a qualidade dos timbres: "No meu mais recente disco-solo, chamado *Marcello's Vestry*, gravei as partes de guitarra usando apenas um rack processador de efeitos BOSS GT-PRO. Como ao vivo prefiro pedaleiras, a ME-70 atende plenamente à minha necessidade de timbres. E ela também aguenta a vida dura dos palcos e estradas".

O novo equipamento apresenta 36 memórias de usuário (*USER PATCHES*), em que os ajustes podem ser salvos, além de 36 de fábrica (*PRESETS PATCHES*), que também servem como ponto de partida para criação de timbres.

Uma solicitação feita com veemência pelos usuários da antiga ME-50 e incluída nesse projeto foi a possibilidade de mudança de bancos de memória por meio dos pedais, sem a necessidade de incorporar footswitches externos ao setup. Esse recurso havia sido adicionado ao modelo ME-20, mas ficou ainda mais simples de ser utilizado.

A ME-70 organiza a memória em nove setores, cada qual com quatro pedais numéricos. Pressionar os pedais 1 e 2 simultaneamente inicia a seleção de bancos; nesse modo, o primeiro passa a funcionar como *BANK DOWN* e o segundo como *BANK UP*. Em seguida, basta acionar o 3 ou o 4 para ativar o novo banco. Após isso, é necessário escolher a memória pressionando o pedal desejado. O processo é rápido e facilita o trabalho dos guitarristas em palcos e apresentações ao vivo.



Das ferramentas adicionadas à pedaleira, a mais inovadora é o mini Loop Station. Com o *PHRASE LOOP*, que fica dentro do bloco de efeitos de *DELAY*, é possível gravar até 38 segundos de áudio. O trecho é repetido indefinidamente e há a possibilidade de sobrepor a ele novas linhas (overdubs). O guitarrista pode interromper a reprodução ou a captação do loop de forma rápida e precisa, pressionando um dos pedais. É muito interessante utilizar esse recurso com a unidade em modo *MANUAL*. Nele, os pedais numéricos não selecionam mais memórias de ajustes salvos pelo usuário, mas ligam e desligam efeitos específicos, como em um sistema de pedais compactos individuais. Neste caso, basta deixar o delay configurado em *PHRASE LOOP* e ligar este efeito para começar a registrar os loops. Uma dica extra é ajustar a seção *MODULATION* na opção *OCTAVE* (oitavador), para adicionar linhas de contrabaixo a eles. Desnecessário mencionar as diversas utilidades que essa função oferece para estudo, composição e, até mesmo, performances inusitadas.

UM PARÂMETRO, UM BOTÃO

O painel da ME-70 é um capítulo a parte, mantendo toda a facilidade de operação do modelo ME-50. A nova

pedaleira não possui menus de navegação ou parâmetros escondidos. Se o guitarrista deseja, por exemplo, aumentar a profundidade do flanger, há um botão de acesso direto para esse valor. Os efeitos estão divididos em oito blocos distintos: *PREAMP/EQ* (simulação de amplificadores e equalizador), *COMP/FX* (compressor, filtro e emulação de captadores), *OD/DS* (overdrive e distorção), *MODULATION* (efeitos de modulação e harmonizer), *DELAY* (vários tipos incluindo modos *ANALOG*, *REVERSE* e *MODULATE*), *REVERB*, *NS* (eliminador de ruídos) e *PEDAL FX* (endereçamento de funções para o pedal de expressão). Cada um deles tem seus controles de ajuste separados e com função definida. Basta olhar o painel da unidade para entender como a configuração de parâmetros pode ser fácil e direta. Apesar disso, os engenheiros da BOSS conseguiram simplificar ainda mais o processo de criação de timbres por meio do recurso *EZ TONE*.

Esta nova função é um atalho para ajustes pré-definidos da ME-70. Se o guitarrista não quiser ou não souber lidar com parâmetros, basta pressionar *EZTONE*. Ao fazer isso, os botões de seleção do equipamento passam a apresentar propostas de configuração, ou seja, a pedaleira dá sugestões extremamente úteis para cada efeito da unidade, sem a necessidade de

alterar os valores individualmente. Em um timbre formado por overdrive, chorus e delay, por exemplo, como os efeitos têm quatro parâmetros, seria preciso configurar até 12 valores para a criação de um único timbre. Isso leva tempo e, em alguns casos em que o músico não tem experiência em pedaleiras, pode ser frustrante. Nem todos sabem dizer o que parâmetros como *tone*, *resonance* e *feedback* efetivamente fazem. Nesses casos, utiliza-se o *EZ TONE*. No exemplo citado acima, basta selecionar uma sugestão de ajuste para cada efeito e o timbre estará montado em questão de segundos. “Esse recurso foi desenvolvido tanto para os iniciantes como também para os profissionais, pois a construção de timbres é muito mais rápida e direta, tornando o processo todo mais veloz”, comenta Masao Takahashi. Também é possível editar manualmente as opções apresentadas pela ME-70 e salvar essas alterações como novas configurações a serem utilizadas na concepção de outros sons.

NOVIDADES POR DENTRO E POR FORA

Os recursos apresentados, no entanto, não seriam possíveis sem o desenvolvimento de um processador DSP customizado pela BOSS para a ME-70. “Esse elemento permitiu não

apenas a incorporação das novas ferramentas, mas proporcionou um salto na qualidade de timbres. Primeiramente os engenheiros pensaram nas funções e na sonoridade do equipamento, para depois projetar o processador” comenta Takahashi.

Outras novidades da ME-70 são um pedal numérico adicional (quatro no total contra três na ME-50) e a possibilidade de endereçar para o de expressão parâmetros como o volume do efeito de delay (*DELAY LEVEL*) e a velocidade de repetição de efeitos de modulação (*MODULATION RATE*).

Um capítulo a parte é o novo visual e a construção extremamente resistente. Não é de hoje que a BOSS tem a fama de produzir equipamentos duráveis como tanques de guerra, projetados para suportar os palcos e as estradas mais exigentes. Com a ME-70 não é diferente. À primeira vista, pode-se pensar que seu chassi é de plástico, mas basta levantar a pedaleira que o peso da mesma falará por si. Produzida em metal, o acabamento foi feito na cor preta, com minúsculos pontos brancos, o que imprime um visual “vintage” ao produto, característico de aparelhos de som antigos. Os botões e pedais de acionamento também são superduradouros e podem ser acionados por anos sem apresentar falhas de contato ou ruídos.

Recursos avançados aliados a timbres profissionais, construção ultraconfiável e extrema facilidade de uso fazem da ME-70 um “passo além” na questão de pedaleiras multiefeito. Com a experiência de 20 anos fabricando esse tipo de equipamento, a BOSS criou um produto poderoso e inspirador. A ME-70 com certeza atenderá os mais exigentes profissionais e também os iniciantes no mundo dos efeitos para guitarra. **(Sergio Motta)**



Robert Marcello durante apresentação da ME-70 na Winter NAMM 2009

TRAJETÓRIA

Tradição é, atualmente, um dos fatores mais importantes no momento de decidir pela compra de algum equipamento. Seja uma máquina fotográfica, um aparelho de televisão, um telefone celular ou um instrumento musical, olhar para o passado e conhecer a história de determinada marca pode ser fundamental para a escolha e a aquisição de produtos confiáveis e que atenderão as expectativas. Neste aspecto, entre tantos outros, a BOSS é imbatível, pois praticamente inventou os pedais de efeito para guitarra e determinou o formato e as características dos mesmos até os dias de hoje. Poucos sabem, no entanto, que a tradição que a empresa carrega nesse tipo de aparelho também existe nas famosas pedaleiras multiefeito.

Há exatos 20 anos, a BOSS lançou sua primeira pedaleira com efeitos para guitarra. Nesse equipamento, o usuário podia salvar seus ajustes e chamá-los de volta pressionando uma sequência de pedais. Trata-se da famosa ME-5 Guitar Multiple Effects, com oito memórias de usuário (recurso que, atualmente, seria motivo de piada nesse universo). Graças à qualidade desse produto e ao sucesso instantâneo que atingiu entre guitarristas profissionais – e, em um segundo momento, também hobbistas –, ainda é possível encontrar algumas ME-5 em palcos ou escolas de música. E em pleno funcionamento, afinal são pedaleiras BOSS, ou seja, resistentes e de altíssima durabilidade. Após esse lançamento de enorme aceitação, foram produzidos os modelos ME-6 (1993), ME-8 (1995), ME-10 (1997), ME-30 (2000), ME-33 (2002), ME-50 (2003) e ME-20 (2007), cada um deles com as melhores características de seu antecessor e mais algum recurso inovador, como afinador embutido, pedal de expressão e processamento em 16 bits, entre muitos outros.



A recriação do piano acústico

Coordenado por Scott Tibbs, o projeto V-Piano rompe a barreira da fidelidade absoluta

Em 1995, a Roland inaugurou uma nova era na geração sonora: nasceu o primeiro equipamento ostentando a sigla "V", de virtual. O V-Guitar se propôs a emular diferentes corpos de guitarra, amplificadores, captadores, enfim, tudo que faz parte do mundo das seis cordas.

No ano seguinte, o V-Studio chegou ao mercado, revolucionando o conceito de gravação digital. A empresa vendeu milhares de unidades dos populares VS, transformando o sonho de registro em hard disk em realidade.

A virtualidade cresceu ao longo do tempo com o lançamento das linhas V-Drums, V-Mixer, V-Bass, V-Synth e V-Accordion, todas com a mesma proposta: emular em um único sistema o ambiente e o universo de cada instrumento.

PIANO VIRTUAL

Há exatamente 10 anos, em 1999, iniciou-se uma pesquisa detalhada sobre o que muitos chamam de "o pai dos instrumentos". O departamento de engenharia da Roland Corporation, no Japão, se propôs a estudar todas as partes de um piano acústico. Para isso, por terem características distintas, duas marcas foram escolhidas:

a americana Steinway e a austríaca Bosendorfer, que carrega toda a tradição musical europeia nesse tipo de fabricação.

Selecionados os modelos, todos os componentes foram inteiramente analisados para que os engenheiros pudessem compreender como cada um influencia a sonoridade do instrumento e interage com ela. Os exemplares, então, foram divididos em algumas partes estratégicas como teclas/mecanismo, sistema de pedais, caixa de ressonância, tábua harmônica, harpa (chapa de metal que acondiciona as cordas) e as próprias cordas. Naquela época, no entanto, era impossível prever quando a tecnologia permitiria o lançamento de um verdadeiro piano acústico virtual.

Após a conclusão dessa análise em todas as partes, a Roland principiou a captação das amostras, realizadas em altíssima resolução, sem os tradicionais loops utilizados nos processos comuns de sampleamento. Em contrapartida, os engenheiros iniciaram a criação dos algoritmos que viabilizariam emular tudo que interfere no som de um piano, desde o tipo de corda e o tamanho da cauda até o mecanismo das teclas e a dimensão do martelo.

Nesse estudo, o coordenador internacional de projetos da Roland, o americano Scott Tibbs, teve atuação importante, pois foi o músico que encabeçou essa empreitada. Para ele, a concepção não era somente a de atingir a reprodução fiel de um instrumento acústico, mas a de proporcionar algo que fosse possível somente por meio da virtualização: "Além de termos a emulação real e completa de todas as partes de um piano, queríamos oferecer a opção de, por exemplo, criar um modelo com uma cauda de 8 metros de comprimento ou três cordas para todas as teclas, o que não é comum". Entusiasmado com a ideia, Tibbs preconiza: "Seria a tecnologia virtual da Roland realizando algo que nunca existiu na fabricação dos pianos acústicos".

O engenheiro Yasunobu Suzuki comenta que o V-Piano não é somente baseado em samplers: "A marca Roland é bem conhecida pela série RD, que possui amostras muito realistas. Quisemos oferecer algo além do que existe no mercado e que pudesse surpreender todos os músicos: um piano digital com alma de instrumento acústico".



UTOPIA POSSÍVEL

Com o software editor desenvolvido para esse equipamento, é possível transformar a sonoridade dele a fim de que corresponda à de qualquer piano, mesmo imaginário. Prova disso é que se pode alterar o comprimento da cauda até muito além do tradicional assim como o material com que são feitas as cordas, de prata ou revestidas de cobre, entre outras opções. Algumas funções inovadoras também podem ser usadas, como o recurso *Sweet Spot*, que permite selecionar uma região e modificar a ressonância somente dessa área adicionando brilho à região mais grave, por exemplo.

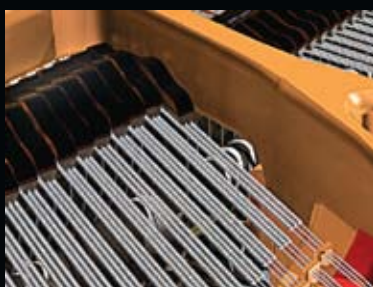
Outro fator que mereceu cuidado especial foi o sistema de mecanismo das teclas. "O timbre de um piano acústico se altera quando diferentes músicos se apresentam com ele", comenta Scott Tibbs. "Se alguém tem um toque mais suave, o instrumento soa de um modo. Com a 'pegada' mais forte, de outro. Isso não é tão perceptível nos modelos eletrônicos atuais."

Para aprimorar essa sensação, foi desenvolvido o *Progressive Hammer Action III*, a terceira geração do consagrado mecanismo Roland. "Criamos um novo sistema com CPU dedicada, algo inédito para os modelos digitais", afirma Tibbs. O V-Piano Engine (motor sonoro do equipamento) trabalha com um processador de última geração, captando os dados das teclas e moldando o som conforme a "pegada" e o estilo do músico. Outra inovação é o aprimoramento

natural do instrumento e duas para a ambiência – que, conectadas a um sistema quadrifônico, recria o campo sonoro que um piano de cauda proporciona. Além disso, doze tipos de efeitos estão disponíveis para aprimorar essa sensação acústica e há um knob exclusivo no painel para o controle em tempo real desses recursos.

O equipamento também está equipado com uma porta USB de comunicação com computadores (PC e Mac) para edição de timbres e parâmetros. Outra conexão do mesmo tipo permite a execução de arquivos de áudio e SMF diretamente de pen drives, fazendo uso do gerador interno do equipamento para reprodução de sons GM2.

Com o lançamento do V-Piano, a Roland eleva o patamar da qualidade de simulação e criação de timbres de piano acústico a um nível inimaginável e praticamente impossível de ser alcançado. Certamente, grandes virtuosos e compositores, como Beethoven, Mozart e Chopin, estariam extasiados com esse incrível instrumento e suas possibilidades. **(Sergio Terranova Jr.)**



Telas de edição permitem customizar diversos aspectos do V-Piano - como a textura do martelo, a afinação e o material de fabricação das cordas - por meio de gráficos realísticos

de resposta quando uma tecla é repetida em valores como semicolcheias, fusas ou semifusas. O recurso Escapement, exclusivo dos pianos digitais da marca, foi aperfeiçoado e agora está disponível para as notas tocadas em *pianíssimo*. O PHA III conta, também, com acabamento *Ivory Feel*, que dá o aspecto de marfim às teclas e absorve a oleosidade e o suor das mãos, permitindo uma execução mais segura.

John Maul, especialista de produtos no Reino Unido e um dos demonstradores do projeto no *NAMM Show*, explica a diferença entre esse novo equipamento e os produtos existentes no mercado: "O músico sentirá uma conexão com ele. A série RD é fantástica, mas com o V-Piano há mais controle do resultado, como em um instrumento tradicional", afirma. "Todos os elementos - geração sonora, mecanismo de teclas e emulação dos componentes - colaboram nessa direção. A engenharia fez um magnífico trabalho, sem deixar o conceito artístico de lado."

Para maior perfeição na reprodução de um modelo acústico, o V-Piano possui quatro saídas de áudio - duas para o som

Tenha uma BIG BAND em seu Fantom G



Com o uso da tecnologia SuperNATURAL, a nova ARX-03 recria todo o universo de oito instrumentos de sopro, incluindo trompetes, saxofones e trombones. Além de simular todos os detalhes desses instrumentos, a ARX-03 permite ao músico tocar um naipe de metais sem se preocupar com a tessitura de cada um deles: a placa possui uma CPU que, em tempo real, faz a divisão dos instrumentos tocados em blocos. Não deixe de testar a ARX-03. Seu Fantom-G vai se transformar em uma verdadeira big band!

- Recria todo o universo de instrumentos como saxofone, trompete e trombone
- Tecnologia que permite divisão em tempo real das tessituras de cada instrumento
- Avançada edição por gráficos.
- 50 memórias de usuário
- Naipes com até seis instrumentos e controle individual de cada parte
- Efeitos profissionais inclusos: EQ (6), reverb (8) e multiefeitos (15)

Confira mais informações no site

Roland
www.roland.com.br



Sensibilidade e potência

V-Drums TD-4K traz expressividade aprimorada e recursos inovadores

A categoria V-Compact Series com módulo TD-3 dos kits V-Drums ofereceu uma solução para bateristas que necessitavam de um instrumento com controle de volume ao mesmo tempo em que respondesse às necessidades técnicas exigidas para uma boa performance. Isso inclui sensibilidade para dinâmica de intensidades variadas, sons reais, modo de exercícios eficiente, pads macios e rack flexível e resistente.

O kit TD-3K agradou os bateristas nacionais e foi um dos motivos da maior divulgação da linha V-Drums no País. Mesmo bem-aceito desde o lançamento, houve um aprimoramento, em 2006, no que diz respeito aos pads: o V-Pad de caixa PD-80R foi substituído pelo PDX-8 e o

PD-8 (que era usado na posição de chimbal) foi trocado pelo inovador CY-5. Esses aperfeiçoamentos permitiram um melhor desempenho físico dos instrumentistas, por conta do diâmetro maior do PDX-8 (10 polegadas) e do movimento mais natural que o CY-5 possibilita. Com essas alterações, a nomenclatura mudou para TD-3KW e o produto se firmou definitivamente como uma opção perfeita para músicos que necessitavam de um kit eletrônico com custo acessível para atividades variadas: estudo, aulas, performances, estúdios, igrejas etc. O equipamento atendeu perfeitamente a todas essas exigências, tanto que foi sucesso em todo o mundo, incluindo o Brasil.

NOVIDADE

Mesmo com a boa aceitação dos bateristas pelos recursos do TD-3, a Roland - confirmando sua vocação de não estacionar no tempo - está substituindo o TD-3KW pelo TD-4K, com aperfeiçoamentos expressivos: rack MDS-4, módulo TD-4 com quatro vezes mais memória, 125 novos sons aplicáveis de muita qualidade, 25 kits editáveis, sensibilidade de trigger aprimorada, modo de exercícios atualizado, função *Quick Rec*, display com visualização facilitada e posicionamento do módulo mais confortável, além de afinação e abafamento dos sons por meio de botões dedicados no painel, para ajustes imediatos.

Mesmo mantendo a configuração de V-Pads, V-Cymbals e V-Kicks do antecessor, o módulo TD-4 permite um desempenho superior dos pads. "Um grande progresso foi alcançado nos sons", diz Johnny Rabb, um dos mais conceituados bateristas da atualidade. "Os timbres da TD-3 são ótimos, mas os da TD-4 são incríveis", afirma (*assista os vídeos de Michael Schack no site www.v-drums.com.br*).

Se comparada a dos demais módulos TD, a quantidade de sons do novo modelo é menor. No entanto, são expressivos e não deixam nada a desejar em termos de qualidade, preenchendo totalmente as necessidades de um baterista que quer tocar "pra valer", sem muitas adaptações técnicas. Por conta disso, o real feel é uma possibilidade concreta: "O produto tem sensibilidade extrema e 'feeling' de bateria", diz Rabb. "A transição é perfeita. O músico pode usar um kit acústico nas gigs e praticar na TD-4K."

Outro baterista que atesta a qualidade e a expressividade do equipamento é David Garza, especialista de produtos V-Drums da Roland US: "A TD-4 é perfeita para o estudo. Isso por que os sons são muito bons, por causa das mudanças que a Roland fez tanto no hardware quanto no software."

Uma grande melhoria foi aplicada à sensibilidade. Apesar de a configuração ser a igual a do modelo substituído, o módulo TD-4 em conjunto com os respectivos pads responde ainda melhor às nuances de toques leves e fortes. As mudanças de dinâmica ficaram mais gradativas, tornando o controle de intensidade ainda mais natural. "Basicamente, o músico pode utilizar as

mesmas técnicas que usaria em uma bateria acústica. E com expressividade ímpar, por causa do grande controle de dinâmica, que permite tocar muito forte ou bem fraco", diz Garza.

Um dos responsáveis pelo projeto, o engenheiro Ayumu Takahashi, explica como atingir tal grau de perfeição: "Utilizamos os melhores microfones e estúdios para captar os sons em alta fidelidade. Mas a expressividade sonora é resultado da combinação da qualidade das amostras, da precisão da sensibilidade e da interface (pads, pratos etc). No momento da criação dos kits, todos esses fatores devem estar associados."

Além da gama dinâmica que o novo modelo oferece, alguns recursos aproximam ainda mais o músico acostumado aos kits acústicos do equipamento eletrônico. Se desejar, usando os botões de afinação e abafamento, é possível ajustar detalhes que personalizarão os timbres muito rapidamente ou resolver sobras de frequências indesejáveis em performances ao vivo. E uma das características mais marcantes é a opção de cortar o som dos pratos utilizando a técnica choke cymbals.



Johnny Rabb demonstra a TD-4K durante a Winter NAMM 2009

O KIT

Entre as alterações aplicadas ao módulo, a disposição do display é uma das que mais chamam a atenção. Além de ser mais interativo, o LCD com backlight na cor azul - o que facilita a visualização também em ambientes escuros - está na posição frontal, diferentemente do que ocorre nos demais kits TD.

A conexão dos pads ficou mais prática e segura. Seguindo o exemplo dos modelos HD-1 e TD-9, o conector do multicabo é do tipo DB-25 e as pontas individuais apresentam formato P-10 estéreo. Basta apenas encaixá-los, seguindo as etiquetas de fábrica existentes em cada um. Com isso, não é necessário verificar na traseira do módulo se a conexão está sendo feita no input correto. Também estão disponíveis duas saídas de áudio P-10 (L/R), MIDI OUT e Mix IN para players externos.

O rack MDS-4 também foi alvo de melhoras significativas. O design é baseado no modelo MDS-9 e possui estrutura tubular, suporte de chimbau mais alongado e mudança de posição do módulo. Como o TD-4 tem o display frontal, diferente do formato de mesa, ele está instalado abaixo dos dois pads de tons PD-8, no centro do rack, fazendo que o baterista olhe para a frente e não para o lado esquerdo. Por causa dos quatro pés, a estrutura apresenta resistência maior. Também é fácil colocar o controlador de chimbau FD-8 na melhor condição de uso. A área que o rack ocupa é muito pequena (1 metro x 0,70 metro x 0,85 metro), o que permite ao músico montar a bateria em situações de extrema falta de espaço, sem sacrificar as opções necessárias para ajustes dos pads.

ESTUDO

O modo de exercícios é um capítulo à parte na TD-4. Como já é conhecido nos equipamentos V-Drums, o *Coach Mode* tornou-se uma ferramenta essencial nos kits. Todos os bateristas precisam praticar para melhorar a velocidade e a precisão. E essa ferramenta, além de ajudar nesses aspectos, torna o estudo ainda mais eficiente.

Uma grande inovação é o *Tempo Check*: o módulo, ao perceber que o músico está tocando de forma correta, abaixa o volume do metrônomo automaticamente. Se ele sair do



tempo, no entanto, o TD-4 aumenta a audibilidade do click, em três níveis, até o instrumentista se corrigir. Além dessa, outras quatro funções de estudo estão incluídas: *Warm Ups*, *Time Check*, *Quiet Count* e *Auto Up/Down*.

Após o uso de uma das cinco opções do modo de exercícios - ou de todas elas - o V-Drummer pode desfrutar de uma ferramenta que anteriormente apenas estava disponível a partir dos kits TD mais caros: a *Quick Rec*. Com ela, pode-se registrar uma performance, com ou sem metrônomo, de forma rápida e imediata, sem a necessidade de conectar a bateria em gravadores ou computadores com interfaces. Isso acelera o processo de estudo e não desvia a atenção para outros equipamentos ou possíveis "problemas", caso esses aparelhos não estejam totalmente preparados ou disponíveis. O músico grava e ouve rapidamente o que tocou, pressionando botões dedicados no painel do TD-4.

Com o conhecimento adquirido pelos bateristas ao longo dos últimos anos, eles não poderiam esperar nada menos do que a Roland está lançando neste momento. ATD-4K não é apenas um modelo que substitui a TD-3KW, mas o instrumento que fará os músicos reticentes em integrar um kit eletrônico em suas vidas definitivamente vencerem esse conceito por completo. **(Gino Seriacopi)**

MAIS V-DRUMS

Aumentar a quantidade de pads em kits eletrônicos é sempre um desejo dos V-Drummers. Para isso, o TD-4 possibilita a conexão de mais um deles, que pode ser adquirido separadamente. Melhor ainda é a notícia de que esse módulo, assim como os demais da linha TD, é compatível com o chimbau VH-11. Para completar, o baterista pode conectar o CY-12R/C, o V-Cymbal com o three-way system que permite tocar cúpula, superfície e borda de prato de condução em suas próprias posições. O rack MDS-4 mantém o padrão do tamanho dos tubos já utilizados nos outros da série. Para apoiar os V-Cymbals e V-Pads adicionais, portanto, basta adquirir os suportes já disponíveis, como o MDY-10U e MDH-10U. Os amplificadores PM-10 e PM-30 da linha V-Drums respondem perfeitamente bem às frequências necessárias desse novo modelo.

O poder da imagem



P-10 VISUAL SAMPLER

- Gravação e reprodução em cartão SD ou SDHC, memória em estado sólido de extrema segurança
- Tela LCD de 3,5" colorida dispensa monitores externos
- Até 864 clipes podem ser atribuídos aos pads luminosos
- USB de alta velocidade para transferência direta de arquivos do computador para o equipamento
- Compatibilidade V-link: controlado via MIDI por produtos Roland

✓ Processador de alta velocidade
✓ Dispensa computador
✓ Leve e portátil

• Esportes



• Festas e casamentos



• Shows



• Eventos regionais



EDIROL
by Roland
www.edirol.com.br

Sistema completo

V-Studio oferece solução integrada de hardware e software para produção musical

O Sonar V-Studio 700 chega ao mercado para atender aqueles que precisam de uma solução completa, integrada, confiável e com excelente sonoridade para produção musical. O pacote preenche o espaço entre as alternativas "econômicas" de pouca capacidade e os sistemas competitivos mais caros, oferecendo um equipamento ao mesmo tempo dotado de muitos recursos e com custo acessível a uma ampla gama de usuários.

Composto pelas unidades VS-700R e VS-700C, além do software Sonar 8 Producer, o equipamento disponibiliza as ferramentas necessárias para todas as etapas de um trabalho, desde pré-produção, produção e gravação até mixagem e masterização. Além disso, esse projeto inovador atende as exigências dos profissionais de pós-produção, incorporando funcionalidades de hardware para controle de vídeo e imagem.

MÓDULOS

A VS-700C é uma superfície de controle totalmente integrada com o Sonar 8. O aparelho possui faders motorizados de 10 milímetros sensíveis ao toque, meter, LCD que possibilita a visualização de parâmetros, seção de transporte com botões iluminados e knobs de giro infinito para mixagem e controle de plug-ins, além de exclusivo joystick para posicionamento surround e T-bar para funções de vídeo. Também oferece comando

digital específico para a interface VS-700R V-Studio I/O, de maneira que, pressionando apenas uma tecla, é possível alterar a funcionalidade dela para comandar qualquer equipamento de vídeo e imagem compatível com V-Link, incluindo a linha de sistemas de edição não linear Edirol DV-7.

É no VS-700R que são feitas as conexões de áudio e MIDI do sistema V-Studio 700. Trata-se de uma interface com capacidade para 20 inputs e 26 outputs. O módulo possui oito pré-amplificadores com Phantom Power e 14 saídas analógicas para flexibilidade de roteamento de BUS e auxiliares, além da possibilidade de mixagem surround. Está disponível, também, uma ampla variedade de conexões digitais, como AES/EBU, S/PDIF e ADAT, e Word Clock para sincronismo e MIDI I/O. Graças à qualidade de seus conversores e à resolução de 24bit/192kHz, aliadas à alta velocidade da porta USB 2.0, é possível uma gravação cristalina e com baixa latência.

Os pré-amplificadores também são controlados digitalmente, o que permite alterar o ganho a partir da mesma superfície em que é feita a mixagem e memorizar os ajustes na programação. A possibilidade de recuperar as configurações individuais de cada microfone pode corresponder a uma grande economia de tempo em uma sessão.

Além de tudo isso, o VS-700R traz integrado a ele o sintetizador Fantom VS, com mais 1.400 timbres dos lendários modelos Roland. Pelo fato do controle desse gerador sonoro ser efetuado pelo DSP existente na interface VS-700R, ele praticamente não produz latência e nem carrega

a CPU. O software Fantom VS Editor, por sua vez, viabiliza a integração total e o acesso direto aos timbres do hardware com o Sonar, funcionando como um plug-in VST que possibilita a criação de timbres únicos. Para proporcionar ainda mais poder de fogo ao sistema, um slot para placas de expansão Roland ARX permite utilizar as novas sonoridades e ferramentas desenvolvidas pela empresa com a tecnologia SuperNATURAL.

A impressão que se tem à primeira vista é a de que um equipamento com esses recursos demandaria conexões complexas e uma grande quantidade de condutores. A operação do V-Studio 700, no entanto, se inicia com apenas dois cabos: um conecta a VS-700C à interface VS-700R e outro (USB) liga o sistema ao computador. Os componentes adicionais do pacote – software Sonar, drivers, plug-ins de controle e inúmeros modelos de projetos – são instalados facilmente, e em alguns minutos o equipamento está pronto para operar.

SOFTWARE

O Sonar 8 Producer é o cérebro que comanda as ações do sistema V-Studio 700. O software oferece poderosas fer-



ramentas de edição, criação, mixagem e masterização. E a compatibilidade com sistemas de 64 bits permite mais qualidade de áudio do começo ao fim das produções.

Entre os recursos disponíveis, destacam-se os 49 plug-ins de efeitos, alguns deles com ferramentas dedicadas à masterização. Também estão presentes 15 sintetizadores virtuais como o Dimension Pro e a versão completa do Rapture. Este último, vencedor do prêmio MiPA (*Musikmesse International Press Award*), oferece sonoridades modernas para alimentar produções nos estilos pop, dance, hip hop e eletrônica.

A integração de hardware e software, aliada à qualidade de ambos os componentes, é o diferencial que faz do V-Studio 700 a solução ideal para gravação e produção a preço acessível. **(Renan Dias)**

EXPANSÃO

Os usuários do Sonar V-Studio 700 que desejarem mais entradas e saídas podem adquirir um módulo adicional VS-700R V-Studio I/O. A adição dessa unidade aumenta a capacidade do sistema para 41 entradas e 56 saídas (37/48 simultâneas). Uma segunda VS-700R também duplica o potencial de síntese, disponibilizando dois Roland Fantom VS e dois slots de expansão ARX no Sonar.

A SEÇÃO PERGUNTE AO ESPECIALISTA É DEDICADA A RESOLVER AS DÚVIDAS DOS LEITORES. ENVIE SUA PERGUNTA PARA O E-MAIL REVISTA@ROLAND.COM.BR

Algo estranho aconteceu com meu teclado. Depois de tocar por mais de 4 horas sem problema algum e guardá-lo com todo cuidado no case feito sob medida para ele, não consegui fazê-lo funcionar no dia seguinte. Além disso, percebi que algum tipo de líquido deixou o display “suado” por dentro, com uma “nuvem” de vapor. Há explicação para isso?

*Jeferson Soares
Campina Grande - PB*



Ao terminar de usar um instrumento eletrônico, é preciso esperar pelo menos 30 minutos antes de acondicioná-lo em um bag ou, principalmente, em um case de alumínio. Este é um dos hábitos que os músicos devem adquirir em relação a seus equipamentos, sobretudo teclados. Ao ignorar este procedimento ao fim de um ensaio ou evento, o usuário corre o risco de, na próxima vez que for utilizá-lo, encontrar problemas: o aparelho pode até mesmo não ligar no dia seguinte, embora tenha funcionado perfeitamente no anterior.

A primeira iniciativa deve ser a de levá-lo a uma assistência técnica autorizada, onde as possíveis

causas do defeito apresentadas pelo profissional provavelmente são fonte interna ou placa de circuito queimada e oxidações nas placas. Muitos músicos já viveram situações semelhantes, por exemplo, ao perceber que a parte superior do instrumento, próxima aos botões, ou até mesmo o display (LCD) estavam úmidos depois de o aparelho ter sido transportado em um bag ou case. Isso acontece por causa da condensação que normalmente ocorre quando o vapor é resfriado.

Ao serem protegidos, os aparelhos musicais em funcionamento por um longo período, em associação à falta de ventilação, transpiram internamente. O vapor criado

passa do estado gasoso para o líquido, formando pequenas gotículas de água, o que provoca danos. Dessa forma, é imprescindível o cuidado do usuário em relação ao seu teclado, deixando-o em repouso no mínimo 30 minutos, para que a temperatura interna possa diminuir e evitar os eventuais problemas. Esse tempo de espera deve ocorrer em duas situações: tanto antes de começar a usá-lo, depois de remover o mesmo da bag ou do case, quanto após a utilização. Outra interessante opção são os dessecantes, como sílica gel, Zorb-It ou Dry Bag. Nos eletrônicos, essas substâncias previnem a condensação. Podem ser encontrados pequenos pacotes em qualquer artigo passível de ser afetado por umidade excessiva ou condensação. A sílica gel é quase inofensiva e, por isso, é encontrada em produtos alimentícios. Sílica, ou dióxido de silício (SiO₂), é o mesmo material encontrado no quartzo. Em forma de gel, contém milhões de poros minúsculos, que absorvem até aproximadamente 40% de seu peso em umidade. É possível reutilizá-la aquecendo-a acima de 150°C.



Tersio Barreto
Engenheiro responsável pela assistência técnica no CTR - Roland Brasil

O vapor criado passa do estado gasoso para o líquido, formando pequenas gotículas de água, o que provoca danos. Dessa forma, é imprescindível o cuidado do usuário em relação ao seu

O Digital Snake pode servir como interface de gravação?

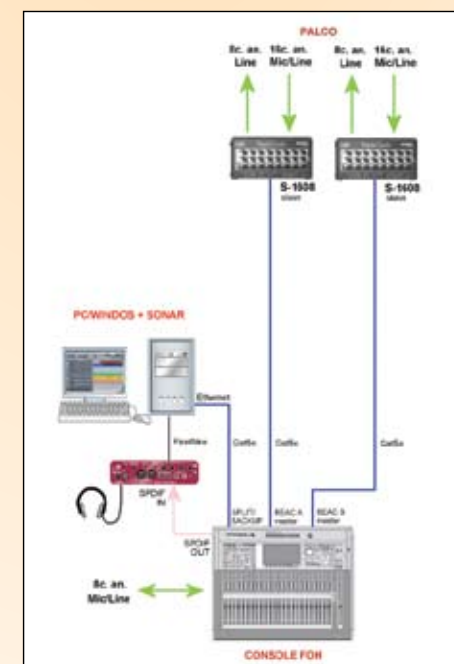
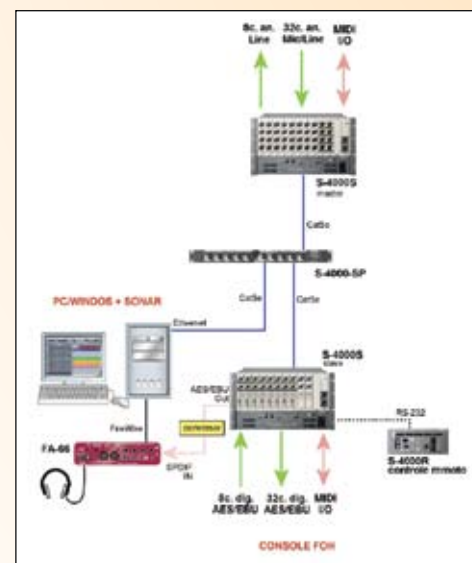
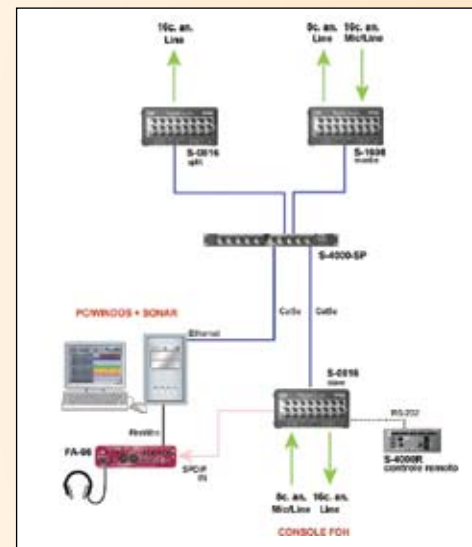
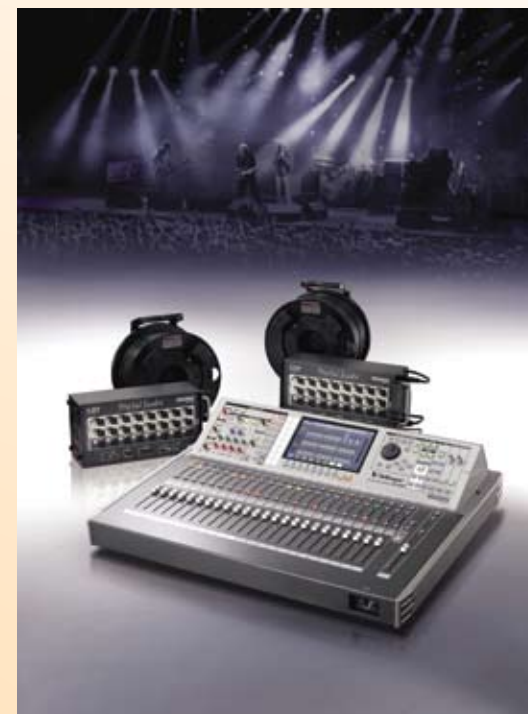
*Leonardo Guilherme
Fortaleza - CE*

Tanto o Digital Snake quanto o V-Mixing M-400 trafegam áudio digital em 24 bits via cabos de rede CAT5e. O protocolo é baseado no Fast Ethernet (10/100) que interliga computadores à internet e às redes de compartilhamento. No caso do primeiro, é possível – por meio de um hub-switch comum ou de um módulo S4000-SP, da RSS – conectar um sistema convencional S4000 a um Sonar 7 Producer e gravar até 40 canais. Esse procedimento faz uma cópia exata do que o S-4000 S-3208 está recebendo nos pré-amplificadores de entrada. Atualmente, no mercado, o software Sonar Producer (a partir da versão 6.2) é o único que aceita a porta LAN do desktop como interface

de áudio. Para isso, basta instalar o driver REAC, oferecido gratuitamente pela

Roland na compra de qualquer Digital Snake. As configurações mínimas para isso são: Intel Core 2 Duo 2GHZ, 2GB de memória RAM, um HD IDE para sistema operacional, dois HDs SATA para gravação e porta lan Gigabit Ethernet. Pode ser utilizada, também, uma unidade Ediol FA-66, cujo papel será única e exclusivamente para monitoração via fone ou Line Out do que está sendo registrado no Sonar. Essa tarefa pode ser feita pela console de áudio que recebe analogicamente o sinal, visto que este é uma cópia dos pré-amplificadores de entrada.

No caso da V-Mixing System, a mesa já monitora a gravação em si. Veja



ao lado os diagramas utilizando o conjunto formado por S-1608, S-4000S-3208 e V-Mixer M-400 para registro multicanal.



Alex Lameira
Gerente de produtos
Roland Systems Group



Comprei uma interface Edirol FA-101 que veio com o Sonar 6 LE. Gostaria de saber se esse é um software profissional. Um amigo ofereceu uma cópia do Sonar 7 para eu instalar. Preciso fazer isso? Qual a diferença entre essas duas versões?

*Roberto Takahashi
Londrina - PR*

Primeiramente, você não deve instalar a cópia do Sonar 7, pois isso caracteriza pirataria. A Edirol apoia o uso de produtos originais e, por causa disso, os equipamentos são acompanhados pelo Sonar 6 LE, opção profissional que permite ao usuário realizar uma produção do começo ao fim. Ela registra 64 canais de áudio e 256 de MIDI, mais que suficiente para aplicações avançadas e, até mesmo, gravação de CDs (vale lembrar que grande parte da produção fonográfica dos últimos 30 anos utilizou apenas 32



canais). O software oferece ainda a possibilidade de usar até 16 auxiliares send. O Sonar 7, por sua vez, não tem limites de canais de áudio, MIDI e mandadas.

Renan Dias
Especialista de produtos
da Roland Brasil



O que é melhor para um guitarrista: um setup de pedais ou uma pedaleira?

*Bruno Sobral Martins
Rio de Janeiro - RJ*

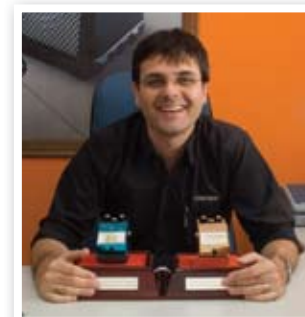
Isso depende de seu gosto e de suas necessidades como guitarrista. O ideal é testar a pedaleira e os pedais compactos antes de comprá-los, já que existem prós e contras em ambos. Estes últimos são muito mais simples de timbrar e operar, pois todos os ajustes estão indicados nos botões. Mas, para ligar e desligar vários efeitos simultaneamente, o músico perde um bom tempo “sapateando” e o processo nunca é instantâneo. As pedaleiras, por sua vez, possuem muitos recursos em um só equipamento e o acionamento de vários efeitos é realizado pressionando apenas um pedal de memória. Alguns instrumentistas, porém, não conseguem usufruir todos eles porque esse tipo de aparelho não tem a capacidade de apresentar os parâmetros de forma tão óbvia quanto os pedais compactos. Nos modelos BOSS (ME-20 e GT-10) há a função EZ TONE, que permite criar timbres profissionais de forma rápida e intuitiva. O processo não é simples como nos pedais, mas é muito mais fácil que o da maioria das similares existentes no mercado. No entanto, é um erro pensar que um setup deve ser formado somente um ou por outro. Um kit completo deve envolver uma pedaleira como geradora dos principais efeitos e alguns pedais compactos para complementá-lo e oferecer mais possibilidades de customização e construção de timbres.



Vi a matéria sobre a GT-10 na primeira edição de *Música & Imagem* e fiquei, simplesmente, babando! Mas tenho uma dúvida: no caso de plugarmos um violão ou um bando-lim (como o Armandinho Macedo faz com a GT-8 e o Roland VG), que tipo de captador eu escolheria no EZ TONE? Para buscar um timbre mais “espacial”, como The Cure, qual seria o preset ideal dentre os que o equipamento oferece (Hard Rock, Metal etc)? Há um banco post-punk?

*Nilton Jr.
Rio de Janeiro - RJ*

O recurso EZTONE foi criado com o objetivo de ser utilizado apenas com guitarras. Quem pretende ligar violão ou bandolim na GT-10 deve começar a criar o timbre do zero, pois, ao acionar o recurso, a pedaleira “molda” seus ajustes para terem um desempenho excepcional com guitarras, o que não necessariamente se manifesta com os demais instrumentos. O ideal é que você pesquise alguns presets do equipamento e faça pequenos ajustes nos que estiverem próximos ao som que você deseja. A melhor alternativa, porém, é inicializar um USER PATCH (veja como fazer isso na seção “Inicialização de patches (PATCH INITIALIZE)”, na página 43 do manual de usuário), e começar a construir o timbre do início. O banco PUNK/ POP também tem boas opções para “post-punk” e para The Cure. Recomenda-se que você recorra aos POP e STUDIO apenas se desejar criar timbres para guitarra, não para violão.



Sergio Motta
Gerente de produtos Boss

O que é o recurso Escapement existente nos teclados de pianos digitais Roland?

*Maria Cecília Alves
Sorocaba - SP*

O Escapement, também chamado escape ou duplo escape, é o mecanismo responsável por fazer que o martelo desobstrua imediatamente a corda após percuti-la. Se isso não ocorresse, e o revestimento de feltro dele permanecesse junto à corda após tocá-la, as vibrações (portanto, também o som) seriam amortecidas.



Um problema, no entanto, que persistia nos pianos antigos era a dificuldade ou mesmo a impossibilidade de executar notas repetidas em grande velocidade, sobretudo se a dinâmica exigida fosse *piano*. Essa questão foi resolvida com o “duplo escapamento de Erard”. Com esse sistema, o martelo, depois de ferir a corda, permanece a uma pequena



distância dela e é mantido sob total controle da tecla enquanto abaixada. Desse modo, quando a tecla é imediatamente acionada, o martelo responde rapidamente, por estar próximo à corda.

Desde que a Roland lançou a linha HP, o timbre e o mecanismo passaram a ser pontos de diferencial comparados aos diversos similares disponíveis no mercado. Assim, partiu-se do princípio de que um instrumento digital chamado de “piano” deveria corresponder ao máximo ao seu original acústico e a sensação ao tocar, fiel, de modo a permitir o estudo e a execução, sem que o músico sinta diferença entre eles. Esse importante recurso foi incorporado também aos modelos RD, da linha de instrumentos de palco. Por apresentar esse importante diferencial, a série HP foi a escolhida para salas de aulas em grandes instituições como ECA/USP (Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo), Instituto Baccarelli e Universidade de Brasília, entre outras.

Para conferir a fidelidade dos instrumentos Roland com Escapement, pressione a tecla vagorosamente. Em certo estágio, um pequeno “degrau” ou “click” pode ser sentido. Faça o mesmo em um piano de concerto e a sensação será idêntica.

Amador Rubio
Gerente de produtos da Roland Brasil



Os vários caminhos de uma trilha

As opções profissionais para um músico são muitas e, normalmente, quem está iniciando na carreira não percebe essa variedade e acredita que existam poucas possibilidades

Tocar “na noite”, acompanhar um cantor ou ter um grupo de sucesso são apenas alguns possíveis caminhos para um instrumentista. Ao se deparar com a realidade dos cachês baixos praticados ou do sonho distante de ter uma banda com contrato e gravadora - algo cada vez mais difícil em razão da falência do mercado fonográfico - ele acaba pensando que talvez seja melhor desistir. Mas as opções de carreiras que um músico pode seguir são bem mais numerosas. Uma delas é o de ser compositor de trilhas sonoras.

MERCADO ABERTO

Influenciados pela magia de Hollywood e pelos insistentes artigos em revistas americanas de música, muitos brasileiros têm sonhado com a carreira de compositor de trilhas sonoras para longas-metragens. A indústria cinematográfica nacional, porém, ainda engatinha. Apenas em anos recentes ela tem se configurado como, de fato, uma indústria, com mercado grande o suficiente para que algumas pessoas possam atuar exclusivamente nessa área.

No entanto, trilha sonora não se resume somente a cinema. Obviamente, esse é o veículo mais glamoroso, mas existem inúmeros outros em que ela é utilizada. O mercado é bem diversificado. Entre muitas possibilidades, podem ser citadas:

- comerciais (TV, rádio e internet)
 - podcasts;
 - audiobooks;
 - peças teatrais;
 - companhias de balé;
 - vídeos institucionais, educacionais, motivacionais;
 - esperas telefônicas;
 - programas de TV e de rádio;
 - planetários;
 - instalações em museus;
 - jogos, tanto os de console quanto os desenvolvidos para web;
 - criação e licenciamento de trilhas brancas;
 - recriação de trilha sonora de filmes que serão dublados e não possuem o canal de trilha separado.
- E, se pensarmos em algo além de trilha sonora - ou seja, música composta para um uso específico, sem imagem -, as possibilidades se multiplicam:
- jingles;
 - composições para sonorizar ambientes (lojas, por exemplo, com a possibilidade de criação de uma mistura de música original e compilação de outras existentes, como um DJ);
 - músicas de natal para sonorizar presépios e árvores nas grandes cidades;
 - carros de som (publicidade móvel);
 - demos de sintetizadores;
 - playbacks para karaokê;
 - ringtones para celular.

E também existem serviços adja-

centes, como criar efeitos sonoros para todas as opções acima. Ou seja, há um mar de possibilidades. Basta estar atento. Qualquer meio de comunicação em que exista música pode ser um mercado em potencial. Resta o trabalho - e é essa a parte mais complicada - de descobrir qual dessas opções pode dar lucro, se existe, realmente, um mercado grande o bastante para tirar o sustento dele, como chegar até ele e como contatar as pessoas que decidem de quem vão adquirir o serviço de trilha sonora.

Um erro muito comum é pensar na carreira apenas do ponto de vista da arte, do que gostaria de fazer e da fantasia que criou. Música, em vários aspectos, é como outro ofício qualquer. Existe um mercado e o profissional tem que enxergá-lo, além de saber como se posicionar nele e se apresentar para os possíveis contratantes.

Um pouco de estudo sobre marketing faz muita diferença, pois ajuda tanto a visualizar novos nichos e oportunidades quanto a compreender como se posicionar perante eles. É preciso entender o que as pessoas querem ou precisam em relação ao consumo de música e, principalmente, perceber que, quando um nicho se fecha, não é a você que estão rejeitando. E nem sua arte foi colocada para escanteio porque não gostam dela. Frequentemente isso ocorre por causa das necessidades que mudaram e você não percebeu.



MAURÍCIO DOMENE é compositor de trilhas sonoras para cinema, TV, comerciais, instalações e outras mídias. É proprietário do Estúdio Next (www.estudionext.com.br) e mantém o blog sobre música *Tinha uma Trilha no meu Caminho* (www.diariodatrilha.blogger.com)

Reflexões sobre metodologia do ensino musical

O professor está no caminho certo quando leva em consideração os objetivos do aluno

Cada vez mais rapidamente o mundo se transforma. Novas tecnologias são criadas, ciências desenvolvidas e disciplinas inauguradas. A vida de todos, por consequência, se acelera. A velocidade e a multiplicidade de informações (e formações) proporcionadas pelas mídias atuais - notadamente a internet - colocam em discussão a instrução de forma geral. Sendo assim, o mote atual é o de que se deve repensar, a todo o momento, o ensino em sala de aula.

Em pedagogia, desenvolveu-se o conceito de “rede de saberes”. Segundo isso, todos a constroem utilizando várias fontes de informação - entre as quais internet, televisão, video-games e jornais, por exemplo - assim como a troca de ideias com outras pessoas, workshops, videoaulas etc.

Em um cenário como este, a questão da metodologia a ser usada se apresenta ao professor de música. Desse modo, várias perguntas surgem: qual utilizar? É válido adotar um mesmo método para todos os alunos? Em caso afirmativo, de que modo aplicá-lo? A presença do computador na sala de aula é importante? Para quê?

PLURALIDADE

Não há uma resposta universalmente válida e definitiva a todas essas questões, pois as variáveis são muitas. No entanto, é preciso fazer uma meditação sobre o norteamento do trabalho do professor na área musical. Desse modo, às questões que a pedagogia coloca, pode ser acrescentada a reflexão sobre a pluralidade dos perfis dos alunos.

Os estudantes chegam até o mestre com diferentes objetivos e aspirações, pertencem a “tribos” distintas, possuem referências diversas e idades variadas, assim como interesses e formações.

A questão principal que o educador deve analisar, então, é por que um indivíduo resolveu ingressar em uma escola de música. Qual é o objetivo dele, seu desejo, seu sonho? Quais são suas necessidades? De acordo com isso, podem ser planejados o tipo de informação (e formação) a ser transmitida a ele, assim como as atividades de aprendizagem. Objetivos e percursos são traçados, e, ao longo do caminho, o mestre avalia se o alvo está sendo atingido. Por conta disso, logo é possível perceber que a cada meta pode corresponder um trajeto diferente, o que se revela nada simples. De fato, na hora “H” o professor descobre que é um ser humano finito e não um deus!

Isso pode ser exemplificado com alguns cenários:

1 - um jovem quer se aprimorar para participar do grupo da igreja que frequenta e entender como harmonizar melhor lendo apenas as cifras;

2 - um aluno de 17 anos que aprecia Guns n’ Roses e Metallica quer estudar para aprender e reproduzir suas canções preferidas;

3 - uma aluna de 62 anos, juíza ou funcionária do INSS, resolve realizar o sonho de sua vida: aprender a tocar teclado ou violão para se acompanhar enquanto canta bossa nova;

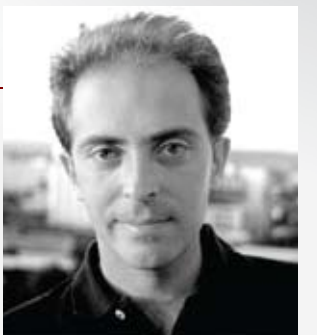
4 - a mãe de uma garotinha de 12 anos quer que ela se torne uma grande concertista.

Cada um desses casos pede um percurso de formação diferente, repertórios diversos e abordagens de ensino variadas. Cabe ao profissional avaliar honestamente seu preparo para lidar com aquele determinado estudante ou se é o caso de encaminhá-lo para outro professor ou escola. Trata-se de um comportamento ético, aparentemente óbvio, mas que, em suas nuances, se confronta com inúmeras variáveis. Às vezes, o mestre acaba “aceitando mais um desafio” para não desiludir as expectativas da instituição em que trabalha, por exemplo, ou, simplesmente, porque seu orçamento mensal precisa de mais um aluno.

Se os perfis dos estudantes forem diferentes, o dia-a-dia se torna mais “emocionante”, do mesmo modo que cansativo, pois é necessário planejar a aula, preparar o material, enfim, dar conta do recado. Quanto maior a distinção das características dos aprendizes, mais variada a oferta de formação, reduzindo a possibilidade de usar um método igual para todos.

Por conta disso, é fácil firmar uma posição quanto a essa questão: perfis similares de alunos permitem avaliar percursos parecidos, ao passo que os diferenciados impossibilitam a adoção de uma metodologia padronizada.

TURI COLLURA é pianista e compositor. Fundou o curso de música popular da Faculdade de Música do Espírito Santo, onde leciona. É autor do método *Improvisação: Práticas Criativas para a Composição Melódica na Música Popular* em dois volumes (www.turicollura.com).



Entusiasta

Há mais de 47 anos trabalhando na Organização Bradesco, Norton Glabes Labes explica como a música influencia o desenvolvimento de sua carreira

Dedicação, ambição e perseverança. Estas são apenas algumas características fundamentais para aqueles que desejam se destacar no mercado de trabalho. No entanto, quem conversa com Norton Glabes Labes - diretor geral da Bradesco Capitalização e vice-presidente da FenaCap (Federação Nacional de Capitalização) - pode ficar com a impressão de que ainda falta um detalhe essencial para o desenvolvimento da carreira de um profissional. O executivo, que está há mais de 47 anos na Organização Bradesco, acredita que a música é um fator tão importante quanto outros frequentemente mais valorizados no mercado de trabalho. Além de servir como antiestressante, também pode ser utilizada para uma "grande higiene mental": "Se estou equilibrado em minha vida pessoal, também estarei bem profissionalmente", conta.

Formado em Direito e pós-graduado em Recursos Humanos, Labes começou a se interessar pela arte sonora ainda muito cedo. Seu pai, que era violinista e tinha uma orquestra no Rio Grande do Sul, sempre o estimulou. Com apenas 10 anos, passou a frequentar cursos de violino, enquanto sua irmã aprendia piano. "O grande sonho dele era que tocássemos juntos", explica. Mas, por conta das brincadeiras feitas pelos colegas, o garoto resolveu se afastar do instrumento.



Norton Glabes Labes e o piano digital Roland KR-17M

Quatro anos depois, decidiu seguir os passos da irmã e investiu no piano. "Escolhi por ser um instrumento bastante romântico", conta. Na mesma época, juntamente com amigos, montou a banda The Sharps, que costumava se apresentar em bailes pela cidade de São Paulo. Nesse trabalho, diferentemente do usual, assumiu o contrabaixo. A carreira artística, porém, não decolou, já que o adolescente ingressou na Organização Bradesco como aprendiz de contínuo. "Precisava trabalhar para ter o meu sustento", explica.

Apesar disso, Labes ainda tentou conciliar a vida profissional com o aprendizado musical. Após o expediente, frequentava aulas ministradas pelo professor Caio Gomes. "Ele tinha um método fantástico e isso ajudou a inflar minha paixão pelo piano", afirma. No entanto, o falecimento do mestre por conta de um ataque cardíaco foi a gota d'água para que ele abandonasse de vez o curso. "Fiquei tão triste e chateado que decidi parar", explica.

Durante os 20 anos em que ficou afastado do instrumento, não só por causa da fatalidade com seu tutor, mas também pelo corrido cotidiano dentro da organização, o executivo continuou crescendo na empresa. A paixão pela música, porém, não esfriou, já que manteve o costume de apreciar os inúmeros CDs e DVDs que possui. "No trânsito, fecho os vidros do carro, ligo o rádio e relaxo", diz.

Recentemente, Labes adquiriu dois pianos digitais Roland: o KR-17M para ele e o KR-117M para seu filho. E, com essa compra, a família voltou a tocar e pensa em retomar os estudos. "Minha alegria retornou. Nunca é tarde para a música", diz entusiasmado. Apesar do receio em relação à qualidade sonora dos instrumentos, o executivo conta que mudou de ideia quando conversou com amigos. "Eles me convenceram de que aquela era a melhor opção do mercado", explica. E sentencia: "A sonoridade é incrível. Não se nota diferença em relação a um modelo de cordas." (Rafael Furugen)

FR-7

Você já pensou em tocar V-Accordion?



V-Accordion é uma linha diferente de produtos Roland, por juntar o tradicional e o inovador. O formato é o mesmo de um acordeão acústico, mas os instrumentos são totalmente digitais, leves e compactos, perfeitos para performances em palco e gravações. Sua tecnologia permite explorar sons nunca ouvidos em um acordeão acústico.

Para os tecladistas que gostam de novidades e estão sempre buscando um diferencial, o V-Accordion é ideal, pois possibilita conectar, via MIDI, sintetizadores, módulos de som e computadores, transformando-o em um controlador com fole.



Confira mais informações nos sites

V-Accordion
www.v-accordion.com.br

Roland
www.roland.com.br

O mais compacto V-Accordion | Pesa somente 5,5 kg | Sons de acordeão com a mesma qualidade do top de linha FR-7 | Funciona com pilhas durante 5 horas. Oferece 7 sons de acordeão, 4 sons de órgão e orquestra | 26 teclas e 72 botões, todos sensíveis ao toque | Acompanha fones de ouvido

TOQUE AFINADO COM BOSS

mkt roland

► **BOSS** ◀
TUNER
— Stay Tuned. —

TU-12EX
Afinador



TU-88
Monitor pessoal
com afinador



TU-1000
Afinador de palco

BOSS
www.bossbrasil.com.br